

II

VIDA PRIMEIRA DE SANTO ANTÓNIO

também denominada

LEGENDA «ASSIDUA»

por um frade anónimo da ordem dos menores
(c. 1232)

Introdução: *Frei Henrique Pinto Rema, OFM*
Tradução: *Frei Manuel Luís Marques, OFM*

Título original:

BEATI ANTONII VITA PRIMA

seu LEGENDA «ASSIDUA»

anonymo fratre o. Min. auctore

(c. 1232)

INTRODUÇÃO

A Vida Primeira, também conhecida pela primeira palavra do texto «Assidua» (assidua fratrum postulatione deductus - levado por insistente pedido dos irmãos) é a Legenda ou Biografia de Santo António que mais nos garante a fidelidade à figura do Tautomurgo lusitano. Ela foi escrita à volta de 1232 e por quem manuseou o processo de canonização do Santo, se é que não contribuiu para ele. A minuciosa reportagem da sua morte e sepultura sugere-nos alguém que viveu presencialmente os acontecimentos.

Interessante notar a quase total ausência de relato de milagres realizados em vida, se é que se podem considerar milagres o discurso de António em Forli, no qual revelou a sua extraordinária sabedoria, a conversão em Rimini do herege Bononillo, a alusão ao milagre do Pentecostes e a libertação do demónio que o tentava sufocar e a profecia acerca da própria morte. Esta ausência de milagres em vida é testemunhada pela Bula de Canonização, que também só lhe conhece milagres depois da morte.

A parte biográfica referente ao tempo em que viveu em Portugal foi inspirada pelo Bispo de Lisboa D. Soeiro II Viegas, que por sinal morreu em Março de 1232, portanto, uns meses antes da canonização. Como o anónimo Autor da Assidua não teve acesso aos factos ocorridos em França pelo protagonista, não adianta nada sobre eles.

Embora esta legenda tivesse inspirado as que lhe seguiram, o seu texto integral só viu a luz da publicidade em 1830. O cisterciense Frei Fortunato de São Boaventura transcreveu o códice existente então no seu Mosteiro de Alcobaça e publicou-o nesse

ano, tendo-lhe feito a tradução ao lado e fazendo acompanhar o texto bilíngue com largas considerações. O primeiro tomo dos *Portugaliae Monumenta Historica - Scriptores*, de 1856, reproduziu o texto latino. Outras edições se lhe seguiram em Itália e França, sendo de assinalar as do sacerdote secular e terceiro franciscano Léon de Kerval, em 1904, de Roberto Cessi, em 1936, do franciscano conventual José Abate, em 1968, e do franciscano conventual Vergílio Gamboso, em 1981.

Não tiveram mais sorte as restantes legendas, que neste volume se podem ler, embora os biógrafos do Santo dos séculos XV, XVI e XVII tivessem bebido delas, ajuntando-lhe as próprias fantasias.

Traduções completas da *Assidua* em línguas modernas existem algumas, todas posteriores à de Frei Fortunato de São Boaventura. A do franciscano conventual P. Vergílio Gamboso, publicada em 1981 pelas Edizioni Messaggero Padova, com longuíssima introdução de 266 páginas, texto crítico, versão italiana e notas abundantes e suculentas, num total de 560 páginas, deve ser a melhor, tal como o seu texto crítico latino é o mais apurado.

PRIMEIRA PARTE

**COMEÇA A VIDA
DO BEM-AVENTURADO ANTÓNIO**

PRÓLOGO

1. Levado por insistente pedido dos irmãos e incitado pelo merecimento da salutar obediência, houve por bem escrever a vida e os actos do beatíssimo padre e nosso irmão António, para honra e glória¹ de Deus omnipotente e incremento da caridade e devoção dos fiéis. 2. Pois o que se pretende na vida dos santos que, por escrito, se confia à posteridade, é que, conhecidos os milagres que Deus opera por eles, sempre e em tudo se ministre uma regra de emenda e simultaneamente se afervore a devoção aos fiéis.

3. Embora me reconheça profundamente incapaz de um trabalho de tanta grandeza; todavia, não deixarei de abrir os meus lábios², com a esperança de que aquele que vê a intenção do coração³ levará a bom termo o meu propósito. 4. Com a verdade por guia, ainda que em linguagem rude, falarei sucintamente aos devotos humildes de Cristo, para que a facúndia das palavras não sirva ao prurido dos ouvidos⁴ e os homens não traguem as folhas pelo fruto.

5. Por último, escrevo algumas coisas que eu próprio não vi com os meus olhos⁵, muito embora delas tenha conhecimento, porque D. Soeiro II, Bispo de Lisboa, e outros varões católicos as relataram. 6. Assim redigiram Marcos e Lucas o seu Evangelho, e assim o bem-aventurado Gregório Magno redigiu o Diálogo, com Pedro por interlocutor; já que, ele mesmo o atesta, apenas relata o que auferiu da narração de varões dignos de fé.

¹ 1 Ped. 1, 7

² Sl 39, 10.

³ Heb 4, 12.

⁴ 2 Tim 4, 4.

⁵ Is 64, 4.

7. E para que se dê aos fiéis, que devotamente lerem esta vida, ocasião de encontrarem mais rapidamente o que procuram, dividi a obra em duas partes e inseri os respectivos títulos em cada capítulo. 8. Na primeira, mais pequena, distribuí e seleccionei, dentre muitos, os factos mais assinalados da sua existência, a partir da sua primeira tomada de hábito regular. 9. Na seguinte, compilei os milagres, que o Senhor por ele fez ⁶, sujeitando-os à aprovação dos nossos irmãos e outros fiéis, que me ofereceram garantia. 10. Como autor ⁷, exorto o leitor a que me não acuse de mentira ou falsidade mas por compaixão me perdoe a ignorância ou esquecimento, quando, ao ler estas coisas, descobrir que eu nalgum ponto ou não disse tudo ou então ultrapassei em qualquer parte os limites da verdade, por não acautelada expressão.

TERMINA O PRÓLOGO
COMEÇA A VIDA DE SANTO ANTÓNIO

⁶ Prov 16, 4.

⁷ Rom 16, 22.

CAPÍTULO I

Da cidade em que nasceu Santo António

1. Como todos sabem, há no reino de Portugal, junto à sua costa ocidental ⁸, situada nos limites extremos ⁹ do mundo, uma cidade que pelos habitantes é denominada Ulisbona, porque, como é opinião corrente, foi fundada em tempos idos por Ulisses.

2. Dentro das suas muralhas, encontra-se uma igreja de admirável grandeza, edificada em honra da excelsa Virgem Maria, onde repousa honorificamente o venerável corpo do glorioso mártir S. Vicente.

3. Na zona ocidental ¹⁰ desta, possuíam os venturosos pais de Santo António uma residência digna do seu estado e condição social, que era sobranceira à porta da entrada para o templo.

4. Havendo eles, no desabrochar da sua juventude, gerado este prendado menino, impõem-lhe o nome de Fernando já desde a fonte sagrada do baptismo.

5. Não é de admirar, pois, que o entreguem para ser impregnado das sagradas letras na referida igreja da Santa Mãe de Deus e, por um feliz presságio, confiam à educação dos ministros de Cristo aquele que há-de ser o seu arauto.

CAPÍTULO II

Como entrou na Ordem de Santo Agostinho

1. Passados serenamente em família os anos da infância, completou os 15 anos, mais ou menos, em percurso feliz.

2. Entrando, pois, na idade núbil, e sentindo-se tumultuosamente agitar por concupiscências ilícitas, não largou rédeas aos prazeres da adolescência; mas sobrepondo-se à frágil condição humana,

⁸ Ex 26, 22; 36, 32.

⁹ Jer 50, 26.

¹⁰ Ez 48, 16.

refreou com ímpeto as ousadias da carne. 3. Dia a dia, se lhe aumentava o aborrecimento do mundo, e, ao ensaiar os primeiros passos em seus caminhos, fugiu, receoso de que se lhe pegasse a poeira da felicidade terrena ¹¹, que o tolhesse de caminhar para o Senhor, como animosamente havia determinado.

4. Ora, junto da mesma cidade que já referimos, há um mosteiro da Ordem de S. Agostinho, que não dista muito longe das suas muralhas, onde varões famosos ¹² em religião servem ao Senhor com o hábito de Cónego Regrante. 5. Para aqui, finalmente, abandonadas as seduções do mundo, se transferiu o varão de Deus e, com humilde devoção, recebeu o hábito de Cónego Regrante.

6. Aqui, tendo permanecido quase dois anos, e aturado um sem número de amigos, importunos para os espíritos piedosos, com o fim de acabar com toda a ocasião de perturbação desta natureza, decidiu deixar a terra natal, e aferrar em porto mais sossegado e seguro, onde sem empecilhos pudesse entregar-se a Deus ¹³ e em paz cultivar a perfeição. 7. Obtida, com dificuldade, a licença do superior, à força de muitas preces, não mudou de Ordem mas de lugar e transitou para o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra com entusiasmo de espírito ¹⁴.

CAPÍTULO III

Como em Coimbra progrediu na virtude e na ciência

1. Tendo, pois, o servo de Deus António transitado para o Mosteiro de Santa Cruz, por amor a uma disciplina mais severa e a uma tranquilidade mais fecunda, manifestava, com mais ardor do que até ali, que fizera não só a mudança do lugar como dos usos e costumes. 2. E tal como atesta S. Jerónimo, louvável não é ter estado em Jerusalém mas ter aí vivido bem, de tal modo se mostrou

¹¹ Lc 10, 11.

¹² Gen 6, 4.

¹³ 2Tim 2, 3.

¹⁴ Rom 12, 11.

adaptado aos usos e costumes que a todos era claro como água que ele havia procurado o novo lugar, com o fim de obter a suma perfeição.

3. Cultivava sempre com grande empenho o engenho e exercitava o espírito com a meditação; e, nem de dia nem de noite, segundo a disponibilidade do tempo, negligenciava a *lectio divina*.

4. E se por um lado, ao ler o texto da verdade histórica robustecia a fé pela comparação alegórica; por outro, aplicando a si mesmo a Escritura, por ela afeiçãoava os usos e costumes.

5. Se por um lado, pesquisando com afortunada curiosidade a profundidade das sentenças de Deus¹⁵, fortificou a inteligência com os testemunhos da Escritura, face às insídias do erro; por outro, examinou com aprimorada investigação as sentenças dos Santos. 6. Por último, confiava o que lia à memória¹⁶ com tanta segurança, que conseguia revelar a todos prontamente os segredos das Sagradas Escrituras.

CAPÍTULO IV

Como Santo António ingressou na Ordem dos Frades Menores e da mudança do seu nome

1. Passados tempos, havendo o Infante D. Pedro trazido os restos mortais dos santos Mártires dos Frades Menores de Marrocos, e tendo-se divulgado, em todas as províncias¹⁷ da Espanha, que ele havia sido miraculosamente libertado pelos méritos dos mesmos; ouvindo o servo de Deus António as maravilhas que este Senhor fazia pelos merecimentos destes santos, como que sentiu o seu coração a revestir-se da fortaleza do Espírito Santo, e cingindo os seus rins com o cinturão da fé, fortificava o seu braço com a armadura do bom zelo¹⁸; e dizia para si¹⁹: Oh! se o Altíssimo se

¹⁵ 1Cor. 2, 10.

¹⁶ 2Mac 2, 25.

¹⁷ Est. 3, 8.

¹⁸ Is 11, 5.

¹⁹ Gen 17, 17.

dignasse fazer-me participante da coroa destes mártires! Oh! se a espada do verdugo me encontrasse de joelhos, e já em acção de estender o pescoço, em nome de Jesus ²⁰! Acaso chegarei a ver o que mais desejo? Acaso terei essa ventura? Estas e outras palavras dizia somente para si.

3. Ora, nessa ocasião, encontravam-se a morar não longe de Coimbra, no lugar que se chama Santo Antão, os frades da Ordem dos Menores, ignorantes, por certo, das letras, mas mestres da virtude pelas suas obras 4. Estes, segundo os estatutos da Ordem, costumavam vir muitas vezes pedir esmola ao Mosteiro em que morava o homem de Deus.

5. Certo dia, como era já habitual, veio ele em segredo à sua residência e, entre outras coisas, disse também o seguinte: Irmãos caríssimos, desejaria receber do fundo da minha alma o hábito da vossa Ordem, se me prometerdes enviar, mal eu tenha ingressado, à terra dos Sarracenos, para eu merecer também partilhar da coroa dos mártires. 6. Tendo estes experimentado uma alegria imensa com as palavras de tão ilustre varão, decidem que estas coisas se cumpram no dia que se segue ao próximo e, para que a delonga não arraste prigo, encurtam o tempo do adiamento.

7. Enquanto os frades regressavam a casa cheios de júbilo, ficou o servo de Deus António de pedir autorização ao abade, nos termos do que ficou estabelecido. 8. Arrancada esta à força de muitas preces, os frades, recordados do prometido e de acordo com o que ficara combinado, ao romper da aurora, vêm ao seu mosteiro e impõem, o mais depressa possível, o hábito da sua religião, ao varão de Deus.

9. Depois disto, vindo ter com ele um dos seus irmãos cónegos expressava-se na amargura ²¹ do seu coração, dizendo: Vai, vai, que hás-de ser um grande santo!. 10. Voltando-se para ele o varão de Deus António humildemente respondeu: Quando ouvires dizer que serei santo, cumularás Deus de louvores ²². 11. Ditas estas palavras, os frades, com passo rápido, apressam-se a ir para

²⁰ Act 5, 41.

²¹ Job 10, 1.

²² Act 2, 47.

casa e, imediatamente, com mostras de afecto, acolhem o novo pretendente à Ordem.

12. E, porque o servo de Deus temia o ímpeto dos seus parentes que se lançavam contra ele, preocupava-se a sério em afastar mais habilmente a insistência de quem o procurava
13. Assim foi o próprio António em pessoa, que, substituído o vocábulo, se impôs o nome e com ele, por um feliz presságio, designou qual havia de ser o arauto da palavra de Deus.
14. António, pois, significa por assim dizer aquele que atoa os ares. E na realidade a sua voz, qual trombeta portentosa, quando expressava entre os doutos a Sabedoria oculta no mistério de Deus, proclamava com ênfase tais e tão profundas verdades das Escrituras, que mesmo, e nem sempre, o exegeta poderia compreender a eloquência da sua pregação²³.

CAPÍTULO V

Como foi para Marrocos e o seu regresso

1. Insensivelmente, cada vez mais, e não só por crescentes motivações, o impelia com muita força o zelo da fé, como ainda a sede de martírio, que abrasava o seu coração, não o deixava sossegar. 2. Onde aconteceu que, conforme o prometido, logo que lhe foi dada autorização, prontamente partiu para a terra dos Sarracenos.

3. Mas, conhecendo o Altíssimo a natureza do homem²⁴, resistiu-lhe frontalmente²⁵ com a grave doença que o açoitou duramente, durante todo o inverno. 4. E assim aconteceu que, não vendo nada do seu propósito concretizado de modo favorável, voltaria obrigado à sua terra natal para recuperar ao menos a saúde do corpo.

²³ Is 33, 19.

²⁴ Mc 8, 33.

²⁵ Gal 2, 11.

5. Enquanto navegava, quando se dispunha a demandar os territórios da Espanha, impellido pelos ventos, foi-se encontrar nas costas da Sicília. 6. Ora, por aquele tempo, ficara estabelecido que o Capítulo Geral se celebraria em Assis. Como a notícia chegou ao conhecimento de António pelos frades da cidade de Messina, ele, retirando forças da própria fraqueza, chegou, fosse como fosse, por último, ao local do Capítulo.

CAPÍTULO VI

Como chegou à Romagna e de que modo aí viveu

1. Terminado o Capítulo, como era habitual, depois de os Ministros terem enviado para as suas casas²⁶ os frades que lhes foram confiados, só António foi abandonado nas mãos do Ministro Geral, porque ele, um noviço, um desconhecido e de pouca valia, como era considerado, não foi requisitado por nenhum dos ministros. 2. Por último, tendo chamado à parte o Frei Graciano, que ao tempo exercia o ministério dos Frades na Romagna, começou o servo de Deus a suplicar-lhe que, uma vez recebido pelo Ministro Geral, o levasse para a Romagna e, aí o formasse nos rudimentos da disciplina espiritual.

3. Da sua boca não se ouvia alusão alguma aos conhecimentos literários, que lhe haviam sido ministrados, nenhuma jactância da sua condição eclesiástica, antes, dizia alto querer saber e desejar ardentemente abraçar toda a ciência e inteligência que a torna cativa para a levar unicamente à obediência de Cristo²⁷, e este crucificado.

4. Frei Graciano, cativado pela sua admirável devoção, anuiu aos desejos do varão de Deus e, uma vez recebido, levou-o para a Romagna. 5. Aqui, tendo o varão de Deus, por disposição do Senhor, chegado, obtida a licença, subiu devotamente ao ermo de

²⁶ Ex 18, 23.

²⁷ 2 Cor 10, 5.

Monte Paolo e, esquecidas as multidões do século, penetrou nos recantos mais íntimos da quietude.

6. Quando ele já morava no referido lugar ermo, construía um frade uma cela para si, numa gruta apropriada para a oração, para aí se entregar mais à vontade ao Senhor. 7. Um dia, tendo o varão de Deus visto e avaliado a sua aptidão para a devoção, pela justeza do lugar, abeirou-se do frade e pediu lhe concedesse a referida cela. 8. Obtido o lugar de repouso, todos os dias, terminado o primeiro acto comunitário da manhã, António, o servo de Deus, retirava-se para a dita cela e com um cibo de pão levava consigo uma bilha de água. 9. E assim, obrigando a carne a servir o espírito, passava o dia na solidão; todavia, conforme aos princípios da sagrada observância, regressava sempre à hora da colação.

10. Mais de uma vez, mal o sino o chamava e se dispunha a regressar para junto dos irmãos, punha em risco o corpo, esgotado com vigílias e macerado pela abstinência, com os membros alquebrados e o passo vacilante... 11. Chegou a tais extremos o rigor com que ele enfreava²⁸ pela abstinência os impulsos da carne, que só arrimado aos seus irmãos é que podia voltar, não sem custo, ao seu retiro, como atestou um dos próprios, que o viu.

CAPÍTULO VII

Como se revelou a sua ciência aos irmãos

1. Muito tempo depois, aconteceu que uns frades foram enviados à cidade de Forli receber ordens sacras.

2. Acudindo eles de diversas partes para este fim, e, também alguns Frades da Ordem dos Pregadores, concorreu com eles António. 3. Chegada a colação, e juntos os frades segundo o costume, o Ministro do lugar principiou de suplicar aos Frades Pregadores, que presentes eram, que algum deles expusesse a palavra da salvação aos que estavam sequiosos dela, a fim de se instruirem e

²⁸ SI 32, 9.

edificarem²⁹. 4. E tendo cada um afirmado com muita decisão não querer nem dever pregar de improviso, voltando-se para Frei António, ordenou-lhe que pregasse aos irmãos ali reunidos, o quer que fosse que o Espírito Santo lhe sugerisse³⁰.

5. Em boa verdade, não acreditava que ele conhecesse as Escrituras nem mesmo que houvesse aprendido alguma coisa a não ser talvez os conhecimentos que tinham a ver com o múnus eclesiástico, confiado apenas numa vaga presunção, já que o tinha ouvido falar com elegância, mas só quando a necessidade o exigisse.

6. Mais a mais, apesar de ter de memória quantos livros lera e de andar habituado a discorrer sobre as coisas do espírito, conheciam-no os frades mais por um perito em lavar a loiça da cozinha do que na exposição dos mistérios da Escritura.

7. Para que dizer mais? Escusou-se com todas as forças, mas teve que render-se às instâncias do Ministro e começou primeiramente de falar com simplicidade, e tendo a sua língua ou antes, pena³¹ do Espírito Santo, mostrado no decorrer do sermão a mais rara eloquência, e o dom de dissertar muito em pouco, os Frades, pasmados em extremo, ouviam mui atentos, todos sem excepção, a pregação do servo de Deus. 8. Se a inesperada elevação das suas sentenças assombrava os ouvintes, não menos o espírito com que falava e a sua ardentíssima caridade os edificava.

CAPÍTULO VIII

A sua pregação na Romagna e a conversão dos hereges

1. Uma vez que uma cidade edificada sobre um monte não pode esconder-se³², é o Senhor quem o atesta, não decorreu muito tempo, sem que tudo o que acontecera houvesse sido relatado ao seu Ministro e, interrompido o silêncio da sua quietude, foi Antó-

²⁹ Act 13, 26.

³⁰ Jo 14, 26.

³¹ Sl 45, 2.

³² Mt 5, 14.

nio compelido a sair a público. 2. Imposto que lhe foi o ofício de pregar, é obrigado o amigo do ermo a sair dele e a sua boca, há tanto tempo fechada, abre-se alegre para anunciar a glória de Deus. 3. Apoiado, portanto, na autoridade de quem manda, tanto se esforçou por cumprir o ministério³³ da pregação, que havia de justificar com a coragem dos seus actos o nome de evangelista. Percorria as cidades, as praças fortes, as aldeias e as povoações e espalhava a sementeira da vida tão abundante como ardorosamente por todos e cada um...

4. Durante este seu peregrinar e, porque rejeitava para si descanso algum por causa do zelo das almas, aconteceu que ele se dirigiu, por inspiração divina, à cidade de Rimini. Aqui, tendo visto muita gente levada pelo erro da heresia, convocada de imediato toda a população da cidade, começou de pregar com fervor de espírito; e aquele que não conhecia a argúcia dos filósofos, refutou de um modo mais brilhante que o sol os retorcidos dogmas dos heréticos. 5. Assim, enraizou de tal modo a palavra da virtude e a salutar doutrina nos corações dos ouvintes que, eliminada a impureza do erro, grande multidão de crentes aderiu fielmente ao Senhor.

6. Dentre estes converteu o Senhor ao caminho da verdade, pelo seu servo António, o heresiarca, de nome Bononillo, desorientado pelo erro da infidelidade, havia já trinta anos. Este, havendo recebido a penitência, obedeceu devotamente e até ao fim³⁴, às recomendações da Santa Igreja Romana.

CAPÍTULO IX

A fama do Santo e a eficácia da sua pregação

1. Depois disto, tendo o Ministro da Ordem enviado o servo de Deus António à Cúria Pontifícia, por motivo urgente da Ordem, tanto o prendou o Altíssimo de Sua graça, junto dos veneráveis

³³ 2 Tim 4, 5.

³⁴ Mt 10, 22.

príncipes da Igreja, que a sua pregação era escutada com sumo encanto pelo Sumo Pontífice e toda a assembleia dos cardeais. 2. Na verdade, proferia coisas tais e tão profundas com desusada eloquência sobre as Escrituras, que pelo próprio Papa seria denominado com uma prerrogativa familiar: Arca do Testamento.

3. A sua linguagem, engastada em beleza e com sal condimentada, comunicava muita graça aos ouvintes. 4. Admiravam-se os mais velhos que um mancebo, mal saído da puberdade e iletrado, ensinasse, com muita subtileza, as realidades do espírito em termos espirituais³⁵; olhavam-no com espanto os mais novos, quando punha de raiz ao sol as causas mínimas e as ocasiões do pecado e, com muita discrição, semeava os bons hábitos das virtudes. 5. Enfim, homens de toda a condição, classe e idade, ficavam radiantes com assumirem os ensinamentos da vida que lhes convinhavam.

6. Nenhuma, absolutamente nenhuma aceitação de pessoas³⁶ o dobrava, nenhum humano aplauso o aliciava; antes, segundo o dizer do Profeta: como grade que tritura com cortantes esporões, reduziu a pedaços as montanhas e a pó, as colinas³⁷.

CAPÍTULO X

Como chegou a Pádua e aí pregou

1. Pois seria longo descrever o número de províncias que purificou e regiões da terra que encheu da semente da palavra de Deus³⁸, escolhemos apenas aqueles factos que realizados, mais se impõem e mais provas evidentes das suas virtudes manifestam.

2. Por ocasião do Capítulo Geral, em que as sacratíssimas relíquias do Pai S. Francisco foram trasladadas para o lugar onde repousam, com a devida veneração, desligado do governo dos frades, recebeu António, o servo de Deus, autorização oficial de

³⁵ 1Cor 2, 13.

³⁶ 2 Par 19, 7.

³⁷ Is 41, 15.

³⁸ Lc 8, 11.

pregar da parte do Ministro Geral. 3. Mas, porque noutra ocasião, quando certamente compunha os *Sermões Dominicais* ao longo do ano, tinha estabelecido a sua residência na cidade de Pádua e havia experimentado a fé sincera dos seus habitantes e se lhes afeioara por laços de caridade, atraído pela sua extraordinária dedicação, decidiu visitá-los na primeira viagem que empreendesse.

4. Com efeito, depois que, por indicação divina, chegou à cidade de Pádua, modificada a forma de pregação, dedicou-se aos estudos da virtude, durante todo o inverno e, a instâncias do Senhor Ostiense, entregou-se à composição dos *Sermões para as Festividades dos Santos*, em toda a roda do ano. 5. À medida que o servo de Deus António se ocupava em tal serviço, avizinhava-se o tempo da Quaresma. Ao ver, pois, que o tempo aceitável e o dia da salvação urgiam³⁹, desistiu do projecto e consagrou-se com todo o empenho a pregar ao povo sedente da palavra de Deus.

6. Efectivamente tão grande fervor de pregar se apossou dele, que se disporia a pregar durante quarenta dias. E é indubitável que o fez. 7. E coisa admirável! Sendo ele um homem atormentado por uma certa obesidade natural, e com achaques contínuos, todavia, por causa do ardoroso zelo das almas, permanecia muitas vezes em jejum, pregando, ensinando e ouvindo confissões, até ao pôr do sol.

CAPÍTULO XI

A perseguição do diabo e o milagre de luz que observou

1. Mas, porque émulo da virtude, o antigo inimigo⁴⁰ não cessa de se opôr às boas obras, querendo arredar o servo de Deus António do seu propósito de salvação, fazia por o atormentar com nocturnas visões. 2. Não vou contar uma ficção mas uma revelação, feita pelo próprio santo de Deus a um dos irmãos, enquanto ainda vivia. Certa noite, no início da actividade quaresmal que já

³⁹ 2Cor 6, 2.

⁴⁰ Apoc 12, 9.

referimos, quando refazia com o benefício do sono os seus membros fatigados, atreveu-se o diabo a apertar com violência a garganta do homem de Deus e, depois de a apertar, tentou sufocá-lo. 3. Mas ele, depois de invocar o nome da gloriosa Virgem, imprimiu na frente o sinal da santa cruz e, afugentado o inimigo do género humano, imediatamente experimentou alívio. 4. E, desejando vê-lo a fugir, abertos os olhos, eis que toda a cela, onde se encontrava deitado, refulgia, iluminada por uma luz vinda do céu. Este clarão, cremos seguramente que se ateou na cela pelo poder da virtude divina: não podendo o cultor das trevas⁴¹ suportar os seus raios, afastava-se cheio de confusão.

CAPÍTULO XII

A devoção dos Paduanos e o fruto da sua pregação

1. Efectivamente, depois que António, o servo de Deus, viu abrir-se-lhe a porta da pregação⁴² e o povo em multidão compacta a ele acorrer de todos os lados, qual terra sequiosa de água, resolveu que se organizassem encontros diários pelas igrejas da cidade. Mas, como em virtude da multidão dos homens e mulheres que acorriam, o recinto das igrejas não bastava para receber toda a gente, uma vez que o número crescia sempre cada vez mais⁴³, retirou-se para locais planos e espaçosos.

2. Das cidades, das praças fortes e aldeias, vinha uma multidão quase inumerável, de um e outro sexo, todos com suma devoção, sequiosos da palavra da vida, pondo a sua salvação com firme esperança⁴⁴ na sua doutrina. 3. Efectivamente, erguendo-se por volta da meia noite, disputavam entre si qual seria o primeiro a chegar e, acesas as lanternas, corriam ansiosos, para o local, onde ele ia pregar. 4. Cavaleiros e matronas nobres poder-se-iam ver a chegar em massa, na escuridão, e aqueles que se tinham acostuma-

⁴¹ Lc 22, 53.

⁴² Col 4, 3.

⁴³ Act 6, 1.

⁴⁴ 2Cor 1, 7.

do a trabalhar grande parte do dia, despertos, acalentando os efeminados membros do corpo, no torpor, com mantas macias, como dizem, sem qualquer custo antecipavam-se à pessoa do pregador. 5. Compareciam os velhos, acorriam os novos, homens e mulheres simultaneamente, de toda a idade e condição; todos eles, depois de haverem deposto os vestidos de gala revestiam-se, por assim dizer, de hábito religioso. 6. Por fim, até o venerável Bispo dos Paduanos seguiu com devoção a pregação do servo de Deus António e, havendo-se tornado sinceramente modelo da grei⁴⁵, exortou-a a ouvir com o exemplo da humildade.

7. Todos e cada um escutavam com tão grande desejo o que dizia que, não obstante muitas vezes, como consta, assistirem à pregação trinta mil homens, nem sequer se ouvia um sinal de clamor ou murmúrio de tão grande multidão; pelo contrário, num silêncio prolongado, como se fora um só homem, todos escutavam o orador com os ouvidos da mente e do corpo atentos. 8. Até os próprios mercadores ou proprietários de lojas de qualquer espécie, onde se vendem as mercadorias, pelo grande desejo de o ouvir, só, terminada a pregação, expunham as mercadorias aos transeuntes.

9. No final, no calor da devoção, as mulheres, de tesouras em punho, cortavam-lhe a túnica na ponta da franja e, quem pudesse ao menos tocar-lhe na franja do hábito, tinha a convicção de que haveria de ser feliz⁴⁶. 10. Ao invés, não poderia defender-se de um punhado de homens que se fizeram para ele, se não fora resguardado por um numeroso grupo de jovens alentados, ou não espreitasse solícito o local por onde fugir ou ele próprio, depois de a multidão ter debandado, não esperasse a melhor ocasião.

11. Chamava os desavindos à reconciliação fraterna; prendava os cativos com a liberdade⁴⁷; obrigava a restituir as usuras e as rapinas violentas, e se as casas e os campos se encontrassem penhorados, fosse o preço colocado a seus pés⁴⁸ e, por deliberação sua, todas as coisas roubadas, fosse a rogo ou ajuste de preço, fossem restituídas aos espoliados. 12. Proibia também às meretri-

⁴⁵ 1Ped 5, 3.

⁴⁶ Mt 14, 36.

⁴⁷ Dt 15, 13.

⁴⁸ Act 4, 35.

zes a sua vida nefanda e escandalosa e arredava os famosos ladrões e facinorosos do ilícito contacto do alheio. E deste modo, havendo levado a bom termo o curso dos quarenta dias, amontoou diligentemente uma grada colheita para o Senhor.

13. Julgo também não dever silenciar que levava uma tão grande multidão de ambos os sexos a confessar os pecados que nem os frades nem o grande número de outros sacerdotes que o acompanhavam eram suficientes para ouvir as confissões.

14. Diziam também os que se aproximavam do confessor que, aconselhados por uma visão divina e enviados para António, se tinham comprometido, nas recomendações, a obedecerem aos seus conselhos, custasse o que custasse. 15. Alguns, porém, depois da sua morte, aproximando-se muito em segredo dos frades, testemunhavam que o próprio bem-aventurado António lhes aparecera, quando dormiam e lhes indicava o nome dos frades a quem ele os enviava.

CAPÍTULO XIII

Como predisse a sua morte

1. António, o glorioso confessor do Senhor, soube, com muita antecedência, o dia da sua morte; mas, sobretudo, para que não deixasse os frades desolados, ocultava com cautela dissimulada, a ruína iminente do seu corpo⁴⁹. 2. Pelo décimo quinto dia, antes de liquidar a dívida da carne, postado sobre um monte, quando observava atentamente a amena planície de Pádua, arrebatado em espírito, exaltava em admiráveis louvores o conjunto da cidade.

3. E, por fim, voltando-se para o frade, seu companheiro de viagem, predisse que esta iria ser decorada, dentro em breve, com uma grande honra. Mas, qual fosse a honra e de que autor devesse receber, nada adiantou. 4. Evidentemente, estamos em crer que esta exaltação da cidade de Pádua, outra não era senão os merecimentos da sua santidade, com que em breve ia ser enaltecida; com os quais

⁴⁹ 2Cor 5, 1.

a vemos exaltada não só por um admirável mas ainda singular louvor.

CAPÍTULO XIV

A cela que mandou construir sobre uma noqueira

1. Aconteceu que, enquanto se desenrolavam estes factos se avizinhava a época das colheitas. 2. Vendo, pois, o servo fiel e prudente do Senhor que o povo tinha necessariamente de se ocupar com fazer as colheitas, houve por bem dever interromper a pregação até uma ocasião com um sermão apropriado. E, despedidas as multidões de povo⁵⁰, procurou locais, confidentes do segredo, e fez-se transportar, em busca de uma solidão repousante, para um local, que se chama Camposampiero.

3. Tendo-se regozijado muito com a sua chegada um nobre varão, de nome Tiso, devoto, foi apresentar ao homem de Deus António, os seus sinceros préstimos de delicadeza. Fora este também o senhor do local da habitação dos frades. 4. Na verdade, o referido varão possuía, não longe da habitação dos frades, um local plantado de árvores, onde se desenvolvera simultaneamente, entre as árvores da floresta, uma noqueira de um modo estranho na formação da sua copa: seis pernas que saíam do seu tronco, tendo-se erguido para as alturas, formavam uma coroa com os ramos⁵¹. 5. Um dia, tendo o varão de Deus contemplado a sua admirável beleza, aconselhado de imediato pelo Espírito Santo, resolveu mandar fazer para si, sobre ela, uma cela, sobretudo, porque o local oferecia uma oportunidade para a solidão e um repouso propício para a contemplação.

6. Quando o referido nobre varão teve conhecimento do facto pelos frades, amarradas as varas dos ramos em forma de quadrado dum lado a outro, preparou uma cela, feita de esteiras, com as suas próprias mãos. Para os seus dois companheiros tam-

⁵⁰ Mt 14, 23.

⁵¹ Ex 37, 17-18

bém preparou celas de estrutura semelhante; embora, é evidente, preparasse com todo o cuidado uma melhor para o Santo trabalhar, construindo ao mesmo tempo as demais à vontade dos frades, ainda que de aspecto mais humilde. 7. Nesta cela, não é de admirar, enquanto o servo de Deus António levava uma vida de solitário à maneira de obreira, entregava-se ao exercício da sacra contemplação. Foi esta a sua última casa de habitação⁵², entre os mortais; nela, demonstrou ele aproximar-se do céu, aonde era necessário ascender.

⁵² 2Cor 5, 2.

SEGUNDA PARTE

A — DA SUA MORTE À CANONIZAÇÃO

PRÓLOGO

1. No opúsculo anterior do nosso tratado que, por graça e virtude do Altíssimo, levámos a bom termo, narrámos a vida e os actos do beatíssimo padre e nosso irmão António, humilde e devotamente, mas com a verdade por guia. 2. Ora, houvemos por bem dever inserir, num posterior, as maravilhas que o Deus da majestade, a respeito dele e por ele, se dignou operar, desde o dia da sua morte em diante, minuciosamente relatadas por varões dignos da nossa confiança.

3. E, porque não pudemos ter conhecimento de todos os factos e, para que não causemos enfado aos leitores, perante a mancheia de milagres, propomo-nos anotar somente os factos mais conhecidos, para que a devoção dos fiéis tenha sempre com que se ocupar nos divinos louvores e quem desejar acrescentar mais para edificação da fé⁵³, possa sempre descobrir o que deseje acrescentar.

⁵³ Ef 4, 29.

CAPÍTULO XV

A sua morte

1. No ano mil duzentos e trinta e um da Encarnação do Senhor, na quarta indicção, a treze do mês de Junho, numa sexta-feira, transitou felizmente à mansão dos espíritos celestiais, tomando o caminho de toda a carne⁵⁴, o nosso bem-aventurado padre e irmão António, de origem portuguesa (ibérica), na cidade de Pádua, onde o Altíssimo, por ele, enalteceu o Seu nome, próximo de Arcella, na residência dos frades.

2. Ele, em certo momento, despedida a multidão do povo, que confluía de toda a parte para o ouvir e ver, havendo-se retirado para Camposampiero, da cidade de Pádua, com o fim de descansar, começou a dedicar-se só a Deus, desejando sacudir com as lágrimas da devoção e com os cabelos da sagrada meditação, qualquer cisco, que de alguma forma se houvesse pegado, como soi acontecer em virtude do relacionamento com as pessoas do século.

3. E certo dia, ao toque do sino, havendo descido da sua cela, que mandara se construísse sobre uma nogueira, à hora do almoço, recostou-se, como era costume, com os demais irmãos.

4. Mas, aí caíu pesada a mão do Senhor sobre ele e de repente começou a sentir que lhe faltavam as forças de todo o corpo. Continuando pouco a pouco a agravar-se a enfermidade, tendo os frades pegado nele, ergueu-se da mesa e não podendo sustentar os debilitados membros do corpo, reclinou-se periclitante sobre as vides de um leito que para ali estava.

5. Pressentindo o servo de Deus António que a dissolução do seu corpo estava iminente, chamando junto de si um dos frades e seus companheiros, chamado Rogério, disse-lhe: Se estiveres de acordo, irmão, para evitar o incómodo a estes irmãos, irei para Pádua, para a residência de Santa Maria. 6. Havendo o irmão concordado, atrelado o carro, nele colocou o santo pai, apesar dos frades da residência se terem oposto o mais possível, a que fosse de algum modo para outro lado. 7. Mas, porque viam que esta era a

⁵⁴ Gen 6, 13.

vontade do mui bem-aventurado Ant3nio, muito embora contrariados, cederam.

8. Quando j3 se aproximava da cidade, veio-lhe ao encontro o irm3o Vinoto, que ia com a inten73o de visitar o var3o de Deus. Tendo visto que a enfermidade ia de mal a pior, come73ou a rogar-lhe que voltasse para Arcella, para a resid4ncia dos frades. Aqui pois moravam os frades, junto ao Mosteiro das Senhoras Pobres, de acordo com o costume da Ordem, a fim de lhes ministrarem os divinos mist4rios. 9. Alegava o referido irm3o que na resid4ncia dos frades havia de haver grande agita73o e n3o menos perturba73o, sobretudo porque, situados dentro da cidade, estariam expostos 3 concentra73o inoportuna das pessoas do s3culo. 10. Ao ouvir estas palavras, o servo de Deus Ant3nio anuiu aos rogos do suplicante e acedendo aos seus votos, voltou para a resid4ncia.

11. Residindo, pois, o servo de Deus Ant3nio em Arcella com os frades, caiu sobre ele ainda com maior peso a m3o do Senhor e, agravando-se cada vez mais a enfermidade, n3o deixava de dar sinais de grande ang3stia; e, quando esta o deixou por algum tempo, feita a sua confiss3o e recebida ainda a absolvi73o, deu em cantar e recitar o hino da Virgem gloriosa:

Oh! Senhora gloriosa,
mais sublime que as estrelas...

12. Terminado este, erguidos de imediato os olhos ao C3u ⁵⁵, estupefactos com o esplendor, olhava atentamente para a frente, para muito longe. Como o irm3o que o amparava lhe tivesse perguntado que estaria a ver, respondeu: «Vejo o meu Senhor».

13. Quando os irm3os, al3 presentes, viram que o seu feliz 3xito estava iminente, decidiram ungir o santo de Deus com o 3leo da sagrada Un73o ⁵⁶. 14. Tendo-se acercado dele um irm3o para lhe conferir a sagrada un73o, como 3 costume, fixando-o, o bem-aventurado Ant3nio diz: Irm3o, n3o 3 necess3rio que me fa73as

⁵⁵ Jer 3, 2.

⁵⁶ Lev 21, 12.

isso; eu já tenho esta unção dentro de mim; em todo o caso é para mim um bem e agrada-me.

15. E de mãos estendidas e as palmas juntas, cantando com os irmãos os salmos penitenciais, finou-se. E tendo-se aquela santíssima alma mantido suspensa quase meia hora, uma vez desembaraçada do cárcere da carne, foi absorvida no abismo da claridade.

16. O corpo, na verdade, apresentava um aspecto de alguém que dormia profundamente. As suas mãos convertidas em alvura ultrapassaram a beleza da cor primitiva. Os outros membros do corpo apresentavam-se flexíveis, à vontade de quem os tocava.

17. Oh! verdadeiro santo, servo do Altíssimo, que mereceu simultaneamente viver e ver o Senhor! Ó alma santíssima, que se a crueldade do perseguidor não destruiu, trespassou-a no entanto o desejo do martírio e a espada da compaixão milhares de vezes!

18. Pai santo, acolhe, benigno, aqueles que te honram com exultante devoção e assiste, como intercessor em nosso favor, àqueles que pessoalmente ainda lhes não é lícito aproximar-se do rosto de Deus.

CAPÍTULO XVI

O clamor dos meninos, a afluência e o pranto do povo

1. Enquanto os frades ocultavam em absoluto aos estranhos e, com toda a precaução, aos amigos e conhecidos, o seu ditoso trânsito, para que, não fossem massacrados pela afluência do público, meninos em bando, percorrendo a cidade, bradavam dizendo: «Morreu o padre santo! Morreu santo António!».

2. Quando o povo ouviu estes brados, acorreu a Arcella, em grossas fileiras, e completamente esquecido da sua profissão, com a qual angariava o pão de cada dia, como um enxame de abelhas, assedia a residência dos frades.

3. À frente de toda a gente, os habitantes de Capo di Ponte e legião numerosa e compacta de jovens robustos, acodem céleres, e imediatamente formam uma escolta de guardas armados. 4. Logo depois aparecem os religiosos, seguidos, em avalanche, de

homens e mulheres, velhos e adultos, moços e moças, mesclados com os grandes e pequenos, os livres e os servos. 5. Todos, a uma só voz, e em amargura unânime de coração, começam de lamentar-se manifestando perante todos a sua piedosa afeição, acompanhada de gemidos sem fim:

6. Para onde vais, ó pai, exclamam, para não mais voltares? Ó Pai da cidade de Pádua, seu carro e condutor! Pai venerando, para onde vais sem os teus filhos? Que mensageiro da verdade da palavra de Deus se encontrará a ti semelhante, para nós, órfãos?

Pois foste tu que nos geraste em Cristo Jesus pelo Evangelho...⁵⁷

7. Deste modo, assim não é de admirar que a dor comum a todos e a tristeza de cada um, com soluços e altos brados, convidassem à lamentação e pesar a quem observava tal cenário.

CAPÍTULO XVII

O pranto das Senhoras Pobres e como se esforçaram por haver o seu corpo

1. Na verdade, era muita a tristeza que invadia em toda aquela gente como funda era a consternação, sobretudo, das Senhoras Pobres. Estas dotadas de fina sensibilidade feminina não podiam conter as lágrimas; choravam, inconsoláveis, soltando gemidos das profundezas do coração:

2. Ai! de nós, redobravam, benigníssimo pai! Arrebatado que nos foste de uma vez para sempre, porque foi que a morte, a mãe da amargura⁵⁸, nos poupou por algum tempo, para, de seguida, nos dilacerar tão cruelmente? 3. Com a nossa pobreza podemos avaliar a riqueza, pois está visto que não merecemos ver, com os olhos da carne, aquele que, ao menos, por qualquer modo, podíamos ouvir pregar a palavra da vida aos outros.

⁵⁷ 1Cor 4, 15.

⁵⁸ Ecli 41, 1.

4. E, quando estas e outras expressões, com vozes e gemidos, conclamavam, com todas as forças, outras havia que diziam: Porque havemos nós de lançar ao vento⁵⁹ tantas lágrimas e suspiros, acompanhados de soluços? Será que honramos, como se fora um dentre os mortos, com luto, aquele que, vestido da imortalidade, os concidadãos dos anjos usufruem nos céus? 5. Resta-nos apenas a única consolação para esta dolorosa separação e é esta: quem foi impedido em vida de nos mostrar a sua presença corporal, permaneça connosco, ao menos, enquanto falecido.

6. E insistem: como poderá isto acontecer?⁶⁰ Não acreditam que os frades, que residem na zona sul da cidade, sofram que o sacratíssimo corpo do bem-aventurado António fique connosco, a não ser que, eventualmente, levados, a pedido dos superiores, por condescendência, cedam do seu direito. 7. Enviemos pois alguém que, a nosso pedido, se apresente aos maiores da cidade, religiosos ou nobres do poder secular, a fim de que todos, a um tempo, se empenhem em nosso favor, como se nada tivéssemos a ver com isso, para obter, com a paz dos frades, o que pedimos com devoção.

8. O seu pedido foi atendido... Basta anotar: Todos aprovam os desejos das servas de Cristo e, com o consentimento unânime de todos, prometem ajudar sem oposição.

CAPÍTULO XVIII

Como os habitantes de Capo di Ponte resistiram aos Frades que se dispunham a levar o corpo do Santo para a sua residência

1. Tendo, pois, os frades, que residem junto à igreja de Santa Mãe de Deus, chegado a Arcella, dispunham-se a levar o corpo sacratíssimo do bem-aventurado António, para a sua residência.
2. Estavam persuadidos de que seria algo de indigno e um mal

⁵⁹ Job 6, 26.

⁶⁰ Jo 3, 9.

intolerável privarem-se de tão grande tesouro, sobretudo, porque o próprio santo, enquanto vivia, gostou mais desta residência do que todas as residências daquela província. De facto, nutria uma afeição tão grande àquele lugar que, havendo sentido o termo da morte aproximar-se, ordenava ao irmão que lhe assistia, por obediência, que fizesse tudo por tudo, para que o seu corpo fosse levado para a Igreja de Santa Maria, Mãe de Deus. 3. Mas os habitantes de Capo di Ponte, quando se aperceberam disso, opuseram-se unânime e fortemente aos frades e, para que se não pudesse fazer de modo nenhum o que tinham planeado, depois de multiplicarem os piquetes de homens armados, fizeram com que a residência fosse guardada, dia e noite.

4. Não sabendo os frades o que fazer, apressam-se a ir ter com o Bispo da cidade, sem demora, e depõem toda a solicitude nas mãos do pai dos órfãos. 5. Este, havendo convocado os frades e os seus cónegos, expõe-lhes diligentemente a causa da vinda dos frades e, a modo de consulta, requereu o parecer de cada um sobre o que se deveria fazer. 6. Alguns dentre estes, porém, prevenidos pelas súplicas das Senhoras Pobres, eram de opinião que não se deveria nunca ser favorável à petição dos frades; e daí, ao exporem as suas razões, defendiam a sua causa com mais ardor.

7. Mas os frades não eram menos desconhecedores das razões que serviam de apoio à sua causa: com evocarem as condições da pessoa e do facto, tentaram, com argumentos de peso, quanto puderam, levar a sua avante. 8. O Bispo, pois, atendendo à petição razoável dos frades, concordou com todos os seus argumentos e por que houvessem de ter protecção, recomendou-os ao Podestà da cidade.

CAPÍTULO XIX

A devoção do povo e a manifestação dum milagre do céu

1. Entretanto, enquanto estes factos se desenrolavam, uma parte dos habitantes de Capo di Ponte, para obter o corpo do bem-aventurado António sobreaqueceu com muita veemência e, recal-

citando contra a autoridade, insurge-se mais resolutamente, contra a proibição. 2. Reúnem-se os mais velhos e as pessoas categorizadas com peso na deliberação e para ajudá-los são aliciados os amigos por toda a cidade. 3. Por último, todos se comprometem até ao ponto de jurarem arriscar as pessoas, a fortuna e tudo quanto possuem, de preferência a permitir que o corpo do bem-aventurado António seja sequer mudado.

4. Agora, vou narrar o que, na verdade, extraordinariamente aconteceu: a pertinácia, o zelo e a devoção de tal modo consolidavam a sua decisão que não obstante alguns deles terem permanecido, desde tempos remotos, desavindos por ódios inveterados e guerras intestinas, esquecidos das velhas inimizades, concordaram unanimemente em reter o corpo do bem-aventurado António. 5. E temendo que pudessem ser logrados na sua esperança, por fraudulenta artimanha de alguém, tomada a resolução, decidiram arrebatá-lo o corpo.

6. E, porque o Ministro Provincial não estava presente, de cuja decisão dependia a causa dos frades, convocados à puridade os seus mais velhos, começaram os frades a suplicar que, esperando mais um pouco de tempo a vinda do mesmo, desistissem do projecto e mantivessem tudo, como estava, até ao seu veredicto. 7. Agradou a proposta que apresentaram, apoiados de resto, na opinião geral de todos os cidadãos.

8. Quando se aproximou a meia noite e, despedida a multidão, fecham os frades as portas da residência e, para que não fossem eventualmente atacados por alguma incursão do público, reforçam os claustros com ferrolhos e cadeados. 9. À meia noite, quando ainda os guardas-nocturnos se encontravam de sentinela, o público amotinado, desejando ver o corpo, atacou furiosamente a casa, onde repousava o corpo sagrado, e, sem respeito por nada e por ninguém, rebentou de uma vez só todas as trancas e portas. 10. E, como já pela terceira vez, depois de repetidas as mesmas acções, tivessem incomodado os frades, num arrebatamento de espírito — coisa maravilhosa! nem numa única em qualquer destas tentativas puderam entrar em casa; aliás, como mais tarde, da própria boca confessaram, abertas as portas permaneciam de pé estu-

pefactos e, porque a casa era um mar de luz, andavam à roda, fascinados pelo resplendor dourado, sem ver a entrada.

11. Pela manhã, da cidade, das vilas e povoações, chega o povo fiel para ver o corpo do bem-aventurado António; e, quem pudesse tocá-lo uma vez que fosse, convencia-se de que havia de necessariamente ser feliz ⁶¹. 12. E se, por causa da multidão, alguns não podiam aproximar-se dele, bastas vezes atiravam através das janelas e portas, cintos e cordões, anéis e colares e outros adornos; outros, pendurando estas coisas em varas compridas, apresentavam-nas para serem introduzidas e as receberem já santificadas pelo contacto do sacratíssimo corpo.

CAPÍTULO XX

Agitação do povo e chegada do Ministro Provincial

1. Tendo o Ministro Provincial demorado e também porque o tempo quente era inimigo do corpo prestes a sepultar, colocam-no os frades numa pequena caixa de madeira, muito à pressa, dados os seus espíritos perturbados, e colocam a caixa debaixo da terra, provisoriamente quase à superfície. 2. Mal tinham acabado, ouviu-se a voz de alguém que dizia: «Levaram o corpo!...»

3. Quando o público ouviu estas palavras, amotinando-se imediatamente, invade a residência dos frades, com espadas e varapaus e, derrubadas por terra a cercadura e as portas com fragor, acode ao lugar, onde jazia o corpo sagrado. E, agora, levados, não pela ira inicial, mas sim pela devoção ao Santo, teimam na sua, até que, cavando a terra, encontram a caixa, em que aquele precioso tesouro se escondia. 4. Descoberta, porém a pérola preciosa ⁶², nem assim mesmo acreditam nos frades, quando afirmam que o corpo havia de estar dentro da urna, e, o que é mais, com um pau batendo de cima a baixo, se asseguram da certeza com o som cavo da percussão.

⁶¹ Mt 14, 36.

⁶² Mt 13, 46.

5. Na tarde de sábado, chegou o Ministro Provincial, de cuja vinda toda a cidade se encontrava suspensa. 6. Quando os habitantes de Capo di Ponte o viram, convocada uma assembleia, começaram logo a exigir o corpo do bem-aventurado António e alegavam, a favor da sua causa, razões esquisitas, para que os frades cedessem ao temor. 7. Por fim, decididos, avançam com o documento, em que subscreveram o seu compromisso, fazendo saber a toda a gente, que não cederiam nem a ferros nem à espada, nem ainda à morte, na defesa da sua causa e nunca, com a vida por companheiro, denunciariam o pacto.

8. A estas palavras responde o Ministro Provincial: Juridicamente, pelo menos, caríssimos irmãos, não podeis exigir nada do que tentais demonstrar, quando publicamente arengais; de resto, se se tratasse de condescendência, de consentimento com os nossos frades, executaríamos o que o Senhor inspirasse. 9. Contudo, para bem da paz, e para que não suspeiteis temerariamente que eu vos tivesse logrado, dou-vos licença de mandardes guardar o local, onde jaz o corpo do bem-aventurado António, até que, depois de ter deliberado, sobre o que vós pretendeis, tenhamos decidido de outro modo, conjuntamente com os frades.

CAPÍTULO XXI

A sentença pronunciada a favor dos Frades e o arrombamento da ponte

1. Quando chegou o terceiro dia, vendo o Ministro Provincial que por si só seria difícil opôr-se à vontade de tanta e tal gente, sobretudo porque a questão tinha a ver com o povo, foi ter com o Podestà da cidade e com o conselho da Comuna, pedindo-lhes humildemente o parecer e simultaneamente, em tom de súplica, o auxílio. 2. O Podestà, porém, por vontade de todos, ordenou que se guardasse o local, onde jazia o corpo sagrado e, para que ninguém usasse de violência contra os frades, proibiu também que se levassem armas para o local, sob pena de uma multa de cem libras, até

que ficasse acordado, junto do Bispo e o clero, aos quais a questão dizia respeito o que de direito fosse decidido.

3. Quatro dias depois da morte do bem-aventurado Ant3nio, o Bispo, convocado o clero da cidade, com eles tomou uma resolu73o e come73ou de tratar fiel e sinceramente de conservar a paz dos cidad3os e salvaguardar os direitos dos frades. 4. Pedida, por 3ltimo, a opini3o, uma por uma, dos mais velhos e peritos, procurava a melhor solu73o da quest3o; mas, tal como j3 antes o referimos, encontrou os maiores destes prevenidos com o pedido das Senhoras Pobres e inclinados em favorec3-las.

5. Erguendo-se, pois, o Ministro Provincial dentre os frades e pedindo sil3ncio com a m3o, diz: Salvaguardada a paz dos maiores, 3 minha opini3o que n3o pesam a justia e a condescend3ncia na balança imparcial da pondera73o aqueles que colocam ambos os pesos do discernimento, seja, toda a afei73o e nada da raz3o. Possuem, 3 certo, confesso, o zelo de Deus, mas n3o o sabem moderar. 6. Ora, ele foi irm3o proeminente da nossa Ordem (...) e, se viram com os pr3prios olhos e n3o querem dissimular, desde que entrou e desde que saiu, permaneceu connosco. Por isso, tamb3m n3s exigimos aquele lugar, por ele recomendado, quando ainda era vivo, para sua sepultura, a igreja da Santa M3e de Deus que, n3o duvidamos, tinha escolhido de prefer3ncia a todos os demais. 7. Mas se acaso pretendeis que ele n3o podia escolher uma sepultura pelo facto de querer estar ligado aos v3nculos da obedi3ncia salutar, ent3o perguntamos, a quem julgais estar reservado este poder e esta liberdade de escolha, se n3o ao seu superior? 8. Por isso, tamb3m n3s que, apesar de indignos, exercemos o of3cio de superior, suplicamos que nos seja dado o que 3 devido, por disposi73o do direito e da raz3o clarividente.

9. O Bispo, pois, ouvidas as raz3es de uns e de outros, decidiu por senten73a definitiva que, de acordo com a vontade do Ministro Provincial, se fizessem e ficassem sujeitas ao seu arb3trio todas as coisas que, devendo ser invalidadas ou confirmadas, haviam sido ditas ou realizadas. 10. Por 3ltimo, ordenou ao pr3prio clero que, no dia seguinte, cinco dias depois da morte de Santo Ant3nio, se preparassem, como era costume, e, organizadas as prociss3es, de manh3 muito cedo, se reunissem em Arcella.

11. Entretanto, recomendou pela segunda vez ao Podestà da cidade que se protegessem os frades e, preparados destacamentos de cidadãos, se apressasse a fazer com que o corpo de Santo António fosse transportado no momento aprazado para Arcella.

12. O Podestà, tendo acolhido benignamente a recomendação, anuiu e, de um a outro lado do rio, que corre em redor de Arcella, mandou construir, o mais rápido possível, uma ponte de barcas e madeira. Precavia-se portanto, para que, se a procissão se fizesse, através de Capo di Ponte, não fosse a indignação provocar no povo alguma sublevação.

13. Acabada a ponte, a gente devota de Capo di Ponte, em espírito inflamado, tomada de indignação e fúria, por causa da construção da ponte, corre ao local com machados e espadas e, com um arrojo descontrolado, corta a ponte. 14. Era de ver o espectáculo lancinante que lembrava uma parturiente em ofegante ansiedade ou então barcos no mar a ser destroçados à machadada numa floresta de árvores⁶³.

15. Para quê dizer mais? Amotina-se a cidade inteira, precisamente por um delito contra o público redundar em ofensa contra todos. 16. Ainda eles vociferavam, quando se veio a saber que os habitantes da cidade, que ocupavam a zona sul, tinham chegado com um corpo de tropas armadas muito perto. 17. Quando os habitantes de Capo di Ponte souberam do facto, organizados três corpos de combatentes em forma de cunha, aguardavam preparados para o combate, caso os demais atacassem as suas casas ou levassem para outro lugar o corpo do Santo.

CAPÍTULO XXII

O pranto dos Frades e a trasladação de Santo António

1. Quando os frades viram que estava iminente a ruína total da cidade, foram possuídos de um grande temor e, gemendo e chorando de mágoa, diziam: 2. Ai de nós, por causa de quem sur-

⁶³ SI 48, 7-8.

giu esta tempestade e, pelo mesmo motivo, toda a cidade, se o Senhor a não tivesse guardado ⁶⁴, quase subvertida!. 3. De que nos serve viver mais tempo, se vier a acontecer morrer tantos milhares de homens em nossa defesa? 4. Escutai, Senhor; aplacai-vos, Senhor; ouvi-nos e actuali! Porque nos voltais a cara, e eternamente esquecido, não vos compadeceis da nossa tribulação? 5. Esperámos pela paz, e esta não chegou; buscámos o bem e aí está o desassossego. 6. Por causa de Vós mesmo, nosso Deus, ouvi e escutai a vossa herança; não permitais que esta cidade vá à ruína!

7. De modo semelhante também as venerandas servas de Cristo, ao saber do que se estava a passar, começaram de se lamentar e atribuindo a elas mesmas a responsabilidade de tudo o que tinha acontecido, suplicavam com muitas preces e lágrimas que dali retirassem o corpo sagrado que, por desejo de todas, haviam pedido que lhes fosse entregue. 8. Por último, homens e mulheres, novos e velhos de todas as condições, esperavam, com o coração nas mãos, a misericórdia de Deus.

9. Deus, porém, que não se esquece de usar da misericórdia, na ocasião oportuna, ocorreu em seu auxílio. Efectivamente Aquele que também não se engana no governo da Sua providência, permitira, para cúmulo maior da sua glória, que o povo se perturbasse um tanto ou quanto, para que terminasse com um remate condigno o que Ele mesmo decidira fazer. 10. Pois nem em negócio de estado, Aquele que é eternamente bom permitiria que acontecesse o mal, se ao mesmo tempo não conhecesse quanto de melhor haveria de provocar para utilidade dos bons. 11. Efectivamente, o Podestà da cidade, não podendo tolerar a sublevação do povo, convocou, pela voz dos pregoeiros, toda a população civil, para junto do seu palácio e, reunido o conselho, isolando na zona sul da cidade aquela facção que cortara a ponte, proibiu, mandando anunciar pelos pregoeiros, que não regressassem aos seus lares, por todo aquele dia, sob ameaça de juramento e perda de todos os bens.

12. Depois destes acontecimentos, o Bispo da cidade com todo o clero e bem assim o Podestà com um grande número de cidadãos vão a Arcella e, organizadas as procissões, ao som de

⁶⁴ SI 127, 1.

hinos, aplausos e cânticos religiosos, com o admirável júbilo de toda a gente, transportaram o corpo do bem-aventurado António através de Capo di Ponte para a igreja de Santa Maria, Mãe de Deus. 13. Os chefes do povo e os principais de toda a cidade oferecem-se para o levar aos ombros, persuadidos de que hão-de ser felizes, porque mereceram sequer tocar levemente o caixão.

14. Por último, formou-se um cortejo enorme de povo que, por causa da multidão, não podiam atravessar a cidade todos juntos, ao contornar então através das praças, aldeias e subúrbios da cidade, em marcha apressada, passavam à frente da procissão. 15. Todos os que podiam segurar velas acesas levavam-nas nas mãos. E era tanta a profusão de luminárias que a cidade inteira parecia arder abrasada em fogo.

16. E tendo chegado à igreja da Santa Maria, Mãe de Deus, terminada a procissão e celebrada a Missa Solene, sepultou o Bispo honorificamente o corpo do bem-aventurado António e, findas as exéquias, voltou à sua residência com o povo exaltando de alegria.

CAPÍTULO XXIII

Visão geral dos milagres que se manifestaram no mesmo dia

1. Logo no mesmo dia, foram trazidos muitíssimos doentes, com enfermidades várias, que, pelos merecimentos do bem-aventurado António, foram de imediato restituídos à saúde primitiva. 2. No mesmo instante, em que o doente, fosse ele quem fosse, tocava a urna, após a sua sepultura, experimentava a alegria de se ver liberto de toda a espécie de enfermidade. 3. Mas aqueles que, em virtude da multidão não podiam permanecer diante da urna, quando transportados para fora das portas da igreja, saravam, na praça pública, à vista de toda a gente.

4. Aí, na realidade, abriram-se os olhos aos cegos; aí, o coxo saltou como o veado; aí, aos surdos abriram-se-lhes os ouvidos; aí, a língua dos mudos, solta, proclamava, rápida e com perfeição, os louvores de Deus. 5. Aí, desarticulada a paralisia, conso-

lidavam-se os membros do corpo na sua primitiva função; aí, o corcunda, a gota, a febre, e várias outras enfermidades pestíferas são postas em fuga como por encanto.

6. Aí, enfim, prestam-se aos fiéis todos os benefícios desejados; aí, alcançam os homens e as mulheres das diversas regiões do mundo o efeito salutar da oração.

CAPÍTULO XXIV

Procissões e devoção do povo

1. Com a luz radiante e claríssima dos milagres desperta a devoção dos fiéis e, ao mesmo tempo que Deus edifica a nova Jerusalém, concretiza-se rapidamente a unificação da dispersão de Israel. 2. Com efeito, do oriente e do ocidente; do sul e do norte, em cortejos organizados, acorre o público e, ao contemplar as maravilhas que, pelos merecimentos do bem-aventurado António, se realizavam aos seus olhos, exaltam com a devida honra os méritos da sua santidade.

3. No número dos que, em cortejos organizados, como dissemos, cumpriam os seus deveres com a intenção de louvar a Deus e ao seu bem-aventurado servo António, vieram, entre os primeiros, os habitantes de Capo di Ponte e aqueles que cortaram a ponte com animosa paixão, para que lhes não fosse arrebatado o corpo sagrado. 4. Estes, naturalmente, banhados em lágrimas e pés descalços, precedidos do clero com a cruz e estandartes, vinham visitar a morada do bem-aventurado António, com uma reverência de todos tão admirada que fendiam até à cumpunção os corações dos fiéis e convidavam-nos a abrasarem-se no amor divino.

5. Quem teria pois um peito tão duro que se não comovesse até ao gemido, não se armasse até ao affecto de uma boa vontade. ao ver os cavaleiros, género de pessoas refinadas, percorrer caminhos difíceis; as nobres matronas, arrastando-se com dificuldade, em virtude da sua delicada compleição, pés descalços seguirem as

pisadas⁶⁵ dos que as precediam? 6. E bem assim os frades, ao abraçarem a admirável devoção destes, sobretudo porque na questão do Santo, tinham feito o papel de opositores, a fim de promoverem a paz de coração mais profunda, quando organizados em coros de louvor, saíram ao seu encontro, com toda a dignidade.

7. Não foram estes somente mas a cidade inteira, por grupos repartida, em dias determinados, que vinha descalça com o mesmo aparato de procissão. Os Religiosos, que constituem o maior número, com a parte da cidade em que habitam, na devida ordem da procissão, também vinham à frente descalços. 8. Por último, acompanhado de todo o seu clero, sobreveio o Bispo, com toda a reverência, de pés descalços.

9. Do mesmo modo também, a assembleia dos consagrados, que habitam nas vilas e aldeias dos arredores, revestidos de vestes sagradas e pés descalços, percorriam com devoção os ásperos caminhos. 10. Comparece, depois a multidão de estudantes da Faculdade de Letras, em que a cidade de Pádua abunda grandemente. Estes, entremeando cânticos de devoção com pranto figuravam os suspiros mistos de júbilo dos filhos da transmigração, que outrora reedificaram o templo do Senhor:aquele que chorava entoava um cântico e com prantos de permeio rompia em júbilo.

11. Assim, assim não era de admirar — que dizer dos cantores ou dos pranteadores? — que, ao caminharem em cortejos e pés descalços, eram precedidos de um círio tão grande que apenas se poderia erguer sob o tecto da igreja de Santa Maria, Mãe de Deus, depois de se lhe cortar uma grande parte. 12. E não eram apenas estes, mas qualquer agrupamento de cidadãos que viesse, em dia fixado, trazia círios de tamanho comprimento, que na maior parte, somente depois de cortados, se poderiam introduzir.

13. Os círios eram transportados aos ombros dos homens, pelo que dificilmente dezasseis homens recurvados seriam capazes de levantar um só se os círios fossem transportados em carros, carregavam duas juntas de bois, uma ao lado da outra. 14. Eram pois círios de tal grandeza no arranjo, que destes, à maneira de candelabro, alongados os braços para um e outro lado, sobressaíam

⁶⁵ 1Ped 2, 21.

pequenas esferas, lírios, gavinhas e diversas espécies de flores, executadas com perfeição por mão de artista ⁶⁶.

15. Alguns porém apresentavam uma construção com estrutura de igreja ou de um temível exército em ordem de batalha.

16. Por último, também os que tinham adornado a procissão com tão admirável variedade de círios, todos, de lâmpada acesa, traziam tochas na mão. 17. E quando por causa da multidão, não pudessem chegar junto aos batentes da igreja, desembaraçavam-se das tochas e das lâmpadas na praça pública, lançadas a esmo, defronte da porta do templo.

18. Outros, ainda, depois de arrumarem os archotes sobre os muros, quais sentinelas da noite nas praças públicas, faziam ronda. E notável por certo, não cediam pouco que fosse, aos calores do estio nem davam tréguas aos frios entorpecedores do gelado inverno; aliás com uma inquebrantável constância de espírito, permanecendo, dia e noite, revezando-se uns aos outros sucessivamente, consumiam todos os momentos do tempo em louvores a Deus.

19. A cidade delirava com ver-se adornada de tão grandes fulgores e iluminada de múltiplos archotes, tinha a sensação de que a treva da noite se havia convertido em luminoso dia.

20. Acorrem os Venezianos, apressam-se os Trevisinos, apresentam-se os Vicentinos, os Lombardos, os Eslovenos, os Aquilenses, os Teutões, os Húngaros: todos estes, ao verem que se renovavam os milagres e se sucediam os prodígios, louvavam e glorificavam a onipotência do Criador.

21. Todos quantos vinham e palpavam com as mãos os prodígios que contemplavam com os olhos, incontestavelmente realizados pelos merecimentos de Santo António, recuperada a confiança na graça de renascer, confessavam os seus pecados aos frades que mal chegavam para tão grande número. 22. Mas aqueles que vieram em busca da sua cura, e, segundo o que foi escrito, escondiam os seus crimes no mais recôndito, não podiam de modo algum tomar o caminho da salvação. Aliás, se realizada a confissão, os abandonavam definitivamente de um modo salutar, de imediato, à vista de todos, experimentavam a misericórdia.

⁶⁶ Ex 37, 17-18.

CAPÍTULO XXV

**Missão de delegados à Cúria para a canonização
de Santo António**

1. A fé da Igreja é exaltada; é encarecida a altíssima pobreza e honrada a simples humildade. A perfídia, a mãe cega do erro, envergonha-se, e a mente, desvairada pela perversidade herética, murcha. Por último, a impiedade, orgulhosa, é confundida e a bruma da infidelidade é como que tragada pelo despontar de uma nova luz — o fulgor dos milagres.

2. Canta a assembleia sagrada do clero; clama o povo devoto; todos, a uma só voz e querer unânime, concordam e insistem, com o voto de todos, em que se envie à Cúria delegados, para tratarem da canonização do bem-aventurado António. 3. De seguida, convoca-se uma conferência solene para tratar, entre o clero e o povo, precisamente deste assunto e, para que se ausculte um só coração da multidão, decide-se pela assembleia plenária. 4. Que mais? Assina o Bispo e o clero; o Podestà da cidade, com os nobres e o povo. Ainda não havia decorrido um mês completo depois da morte do Santo e já enviam à Sé Apostólica delegados que sobressaem pela nobreza de costumes e venerandos pela sua condição social.

5. Estes, decorridos poucos dias, quando se apresentaram aos olhares apostólicos e expuseram escrupulosamente a causa da sua ida, foram recebidos muito cordialmente pelo Senhor Papa Gregório IX e por todas as numerosas personalidades da Cúria; 6. embora muitos deles se admirassem sobremaneira da repentina auréola de santidade do varão de Deus e do vertiginoso aparecimento de tantos milagres. 7. É convocado o Sacro Colégio dos Cardeais e celebra-se uma solene reunião para se tratar da causa dos delegados de Pádua. 8. Por último, por comum parecer de todos, é confiado o exame dos milagres pelo Sumo Pontífice ao venerando Bispo de Pádua, aos Priores de S. Bento e Frades Pregadores. 9. De toda a parte, acorrem enormes multidões de ambos

os sexos, que afirmam, em testemunho da verdade, que foram libertos de diversas calamidades; e daqui e dali refulge um número muito grande de milagres. 10. Aceitam-se os depoimentos firmados com juramento e redigem-se por escrito os milagres aprovados, depois de registados os testemunhos da verdade. 11. E, para uma maior afirmação da fé e dos milagres, muito judiciosamente se investigam as condições das pessoas e dos factos: o lugar, o tempo, a visão e a audição e anotam-se, com todo o cuidado, se houver, algumas outras circunstâncias a adicionar aos testemunhos.

12. Efectuado com diligência o exame dos milagres, o povo paduano fiel insiste em novas diligências com redobrada devoção e, multiplicadas as mensagens, segunda e terceira vez, enviam à Sé Apostólica delegados dignos de credibilidade: 13. Efectivamente, com o fim de informarem a solícitude apostólica e a vigilância dos cardeais sobre a sua causa e a digna devoção a partir do que se ouve dizer, o venerando Bispo de Pádua envia à Cúria Pontifícia os frades e os cônegos da sé catedral, como também o prior da Igreja de Santa Maria do Monte da Cruz; por sua vez, o Podestà, nobres e poderosos, condes e cavaleiros, com numerosos magnates e multidão de público. 14. De seguida, todos os professores e alunos da Universidade escrevem muitas coisas dignas de aplauso; e a assembleia dos gramáticos, para que não lhe imputassem a mínima contestação, envia uma carta, que exhibe o testemunho do que se viu e ouviu.

15. Sobre todas estas coisas escreve também, por disposição de Deus, o grupo dos venerandos cardeais, que se encontrava presente. Nesta ocasião, efectivamente o Senhor Oddo de Monteferrato e o Senhor Tiago, Bispo eleito de Palestrina, exerciam a função de delegados na Lombardia e Marca Trevisina. 16. Havendo estes chegado a Pádua, na mesma ocasião que a referida delegação, e havendo conhecido as maravilhas do Senhor com uma fé baseada nos olhos e na mais certa das verdades, também eles mesmos testemunhas da verdade em pessoa, com o apoio da sua carta, asseguravam a credibilidade dos milagres.

17. Munidos, portanto, destas cartas, chegam, céleres, os delegados à Cúria Pontifícia e, apoiados nos documentos justificadores de tão grandes e tais factos, foram recebidos cordialmente

pelo Senhor Papa e toda a Cúria. 18. Para que dizer mais? Convo-
ca-se nova reunião e trata-se com mais empenho da canonização do
mui bem-aventurado Ant3nio na presena do Senhor Papa e de
todos os cardeais e, por 3ltimo, convocado o consist3rio, 3 confia-
do o exame geral dos milagres e a aprova3o dos examinados a
D. Jo3o, Bispo de Sabina. 19. E este senhor, actuando cuidadosa e
rapidamente sobre o que lhe havia sido cometido, promoveu a
causa com muita solicitude e, num espao de tempo de todos ines-
perado, desembarou-se muito bem do exame e da aprova3o dos
milagres.

CAPÍTULO XXVI

Vis3o celestial

1. Entretanto surge um novo contratempo inesperado para
os delegados de P3dua e com ele o entusiasmo dos sucessos que
precederam em perfeita ordem, 3 perturbado: 2. 3 que alguns car-
deais, que se salientavam entre os demais pr3ncipes da Igreja nos
costumes e cultura liter3ria, levados pela fora da tradi3o eclesi3s-
tica e brevidade do tempo, julgavam que sobre uma causa de tanta
monta se n3o deveria agir t3o precipitadamente, sobretudo, porque
ainda n3o havia decorrido um ano ap3s a morte do bem-aventurado
Ant3nio e por isso afirmavam muito cautelosamente que n3o
podiam nem queriam concordar com a sua canoniza3o, a n3o ser
com a devida congru3ncia de tempo.

3. Mas Aquele, que pela voz do profeta atesta que n3o cede-
r3 a outrem a sua gl3ria⁶⁷, quis que esta dila3o tempor3ria dos
cardeais acontecesse, para que se reconhecesse que se deveria
atribuir 3 graa o total consenso na concretiza3o do projecto;
4. para tanto, no tempo oportuno esteve misteriosamente presente e
induziu um deles, por uma vis3o, 3 canoniza3o de S. Ant3nio, de
um modo admir3vel.

⁶⁷ Is 42, 8.

5. A visão foi esta: Eu vi o Senhor Papa, ornado de ínfulas pontifícias, de pé, preparado para consagrar uma igreja e um altar; cingia-o uma coroa de venerandos cardeais, que habitualmente o serviam nos sagrados mistérios. 6. Ao aproximar-se a hora da consagração, o Sumo Pontífice requereu, como é costume, as relíquias que se deveriam guardar no altar. Eles, no entanto, responderam, um por um, que não tinham relíquias absolutamente nenhuma para lá colocar. 7. O Papa, porém, a modo de quem busca alguma coisa, olhando para todos os lados, viu por acaso um cadáver novo que ali jazia amortalhado, ligado com bandeletas. Logo que o viu, diz: "Trazei-me cá rapidamente essas relíquias novas, para que as guardemos no altar".

8. Tendo eles asseverado, com insistência, que o corpo amortalhado não eram as relíquias, o Papa diz: "Retirai o véu que o cobre e vede ao menos o que está lá dentro escondido. 9. Eles, porém, aproximando-se do cadáver, a passos lentos, contra sua vontade, avançaram e de acordo com o que lhes havia sido ordenado, retiram rapidamente o pano em que tinha sido envolto. 10. E, quando o descobriram e não sentiram mau cheiro absolutamente nenhum de corrupção, voltando-se para o corpo, de tal modo lhes agradaram as relíquias que viram, que adiantando-se uns aos outros, disputavam o que cada um pudesse levar.

11. Logo que o dito cardeal, à pressão dos que acorriam, acordou, levantou-se pouco depois; e tendo mandado chamar os clérigos que o assistiam, de imediato expôs, com devoção, a sua visão e interpretação relacionadas com a canonização do bem-aventurado Antônio, afirmando que sem dúvida haveria a canonização do Santo. 12. E tendo descido do sólio para ir à Cúria, eis que os Paduanos, levados como que por um sinal divino se postaram à porta. 13. Quando ele os viu, voltando-se para os clérigos que ali se encontravam junto dele, diz com o rosto prazenteiro: Eis aqui está o nosso sonho e a sua interpretação⁶⁸.

14. Reconfortado portanto com esta visão divina, tornou-se um promotor tão entusiasta da causa dos Paduanos que defendia, com toda a energia, que se não podia amarrar a onnipotência de

⁶⁸ Dan 4, 16.

Deus por muito tempo nem se devia impedir a glória do Santo por motivo de algum costume e tradição.

CAPÍTULO XXVII

Canonização de Santo António

1. Publicados os milagres, como se disse, na presença de D. João, Bispo de Sabina, confirmados com o testemunho dos jurados, aprovados e, por último, aceitos, reúne-se a totalidade dos cardeais e prelados que, por essa ocasião, se encontravam presentes na Cúria Pontifícia. 2. Por fim, faz-se a proposta da canonização do bem-aventurado António e, com a concordância de todos, celebra-se uma assembleia geral, entre manifestações de alegria.

3. "Seria muito indigno, dizem, que nós subtraíssemos na terra — longe vá o agouro! — a devida veneração aos méritos do mui bem-aventurado António, que o Senhor da majestade se dignou coroar com honra e glória nos céus. 4. Por certo, assim como é perfídia não prestar fé à verdade conhecida dos milagres, assim também é uma prova de orgulho negar o louvor aos merecimentos dos santos. 5. O Sumo Pontífice, ao ver o consenso unânime de toda a gente sobre a canonização de Santo António, tendo em consideração a acendrada devoção dos habitantes de Pádua, por um parecer unânime, anuiu com agrado à sua petição e estabeleceu o dia, removida qualquer delonga, em que esta haveria de acontecer.

6. Chegou o terceiro dia, que previamente havia sido fixado, para a faustosa solenidade. Está presente o Sacro Colégio dos cardeais; são convocados os Bispos; vêm os Abades e reúnem-se os prelados das igrejas das diversas partes do mundo, que se encontram presentes. À assembleia sagrada do clero, se uniu, uma multidão quase inumerável de povos. 7. Depois, está presente o Sumo Pontífice na magnificência da glória, adornado das ínfulas pontifícias e ainda o grémio dos cardeais e restantes príncipes da Igreja, revestidos das sagradas vestes, reunido ao ungido do Senhor. 8. Por último, perante todo o povo, lêem-se, como é habi-

tual, os milagres e exaltam-se com suma devoção e reverência os gloriosos merecimentos do bem-aventurado Ant3nio.

9. De p3, o Pastor da Igreja, inundado de santa satisfaç3o, eleva as m3os ao c3u e, invocado o nome da Sant3ssima Trindade, insere no cat3logo dos santos o mui bem-aventurado Ant3nio, e ordena que a festa da sua morte se celebre no dia do seu passamento, para louvor e gl3ria do Pai, do Filho e do Esp3rito Santo ⁶⁹, a quem pertence a honra o imp3rio por todos os s3culos dos s3culos. Am3m.

10. Aconteceram estas coisas na cidade de Espoleto, no ano do Senhor ⁷⁰ mil duzentos e trinta e dois, na quinta indicç3o, em o dia do Pentecostes, no ano sexto do Pontificado do Senhor Papa Greg3rio IX.

11. Entretanto os delegados da cidade de P3dua regressaram sem demora e com passo ligeiro 3 sua cidade, em alegre cortejo, antes ainda do termo do ano da morte do bem-aventurado Ant3nio; e, decorrido o ano do seu passamento, celebraram a festa no mesmo dia, com uma indescrit3vel solenidade.

⁶⁹ Mt 28, 19.

⁷⁰ Lc 4, 19.

B — COMEÇAM OS MILAGRES DE SANTO ANTÓNIO

Para louvor e glória de Deus omnipotente, Pai e Filho e Espírito Santo, houvemos por bem anotar sucintamente os milagres que foram lidos, depois de apurada a sua verdade, perante o Senhor Papa Gregório IX, na presença de todo o povo, com o fim de promover a devoção dos fiéis.

CAPÍTULO XXVIII

Dos entrevados

1. (I) No dia em que o corpo de Santo António foi honorificamente sepultado na igreja de Santa Maria, Mãe de Deus, uma mulher de nome Cuniza, gravemente enferma havia um ano, apoiada em duas estacas de madeira, a que chamam muletas, chegou àquele local. 2. No seu dorso, com a aglomeração de humores, havia-se formado uma bossa tão horrenda e tão deploravelmente a deformara que nunca mais poderia caminhar senão com o apoio das muletas. 3. Prostrando-se esta em oração por algum tempo diante do túmulo de Santo António, tendo-se de imediato o dorso endireitado, desapareceu a bossa e, postas de lado as muletas, a mulher ergueu-se e regressou a casa.

4. (II) Havia mais de oito anos que uma mulher, de nome Gilda, se encontrava tão tolhida que, atrofiada a perna esquerda e contraídos os tendões, nem sequer podia fixar o pé no chão; e quando pela força da necessidade queria deslocar-se para qualquer lugar, com dificuldade arrastava o corpo com o apoio das muletas. 5. O marido, de nome Marcoaldo, depois de a ter colocado sobre o cavalo, levou-a à pressa à igreja de Santa Maria, Mãe de Deus, e, para que recuperasse a saúde, postou-a devotamente diante do túmulo de Santo António. 6. Entretanto, ela, prostrando-se em oração, começou logo a ser pressionada de uma tão grande dor que, suando de angústia, não suportava o calor; mas, enquanto alguns homens a sustentavam, fora da porta da igreja, restabelecia o seu espírito. 7. E como, pouco depois, ao voltar, houvesse orado com os olhos fechados diante do túmulo, sentiu a mão de alguém que lhe tocava o ventre e tentava endireitar-lhe o corpo. 8. Mas ela, erguendo os olhos, desejando saber quem a tocava, não via ninguém que estivesse próximo.

9. Compreendendo a mulher que deveria ser o auxílio divino que havia sentido, levantou-se dali e, postas de lado as muletas, exultante, voltou ao seu lar na companhia do marido.

10. (III). Uma outra mulher, de nome Ricarda, que vinha, há vinte anos, a tornar-se tão monstruosamente entrevada, por ter as pernas raquíticas, que, aderindo os joelhos ao peito e os pés às nádegas, se uniam por uma certa calosidade, veio, um dia, de muletas, para pedir esmola aos transeuntes, com outros pobres, ao túmulo de Santo António. 11. E, carregada de sono, enquanto dormitava, havendo reclinado a cabeça um tanto ou quanto rente ao chão, ouviu uma voz que dizia: Graças a Deus, que foi libertada. 12. Mas ela, ao abrir os olhos, viu uma menina, que havia sido corcunda e pelos méritos do Santo recuperara a saúde, retirar-se com muita gente a acompanhá-la. 13. Levantou-se, pois, a mulher, para ela mesma chegar também junto do túmulo, com o fim de obter a sua cura. Enquanto se dirigia para lá, eis que um menino de sete anos surgiu e, precedendo-a, de mãos fechadas, convidou-a a entrar, dizendo: Vem em nome do Senhor, que te libertará.

14. E ela, seguindo os passos, de quem a precedia, fez-se transportar de muletas, como era costume, para a porta da igreja; mas, quando já se havia postado à porta da igreja, o menino desapareceu. 15. Ao entrar no local do sepulcro, toda ela se entregou à oração. Enquanto orava, eis que, à maneira de ovos, irromperam dois quistos, por entre o fémur e os ilíacos; e, enquanto uma certa serosidade subcutânea se ia espalhando pelo interior, os quistos desceram até aos pés e ressoaram à maneira de mãos batendo palmas, como muita gente ouviu. 16. De seguida, as suas pernas ressequidas como madeira, ao longo de vinte anos, estenderam-se imediatamente e, relaxada a pele, começaram as carnes a crescer, até ao tamanho original. 17. Os guardas do túmulo, ao verem o que estava a acontecer, transportando precipitadamente a mulher para fora da porta da igreja, abandonaram-na, sem estar ainda plenamente sarada. 18. Mas persistindo ela em oração pelo espaço de dezanove dias e arrastando-se bem assim todos os dias até ao local referido, ao vigésimo dia, postas as muletas de lado, voltou para casa e com grande admiração de toda a gente, atravessou a pé o centro da cidade, com passos bem firmes.

19. (IV) Um menino, de nome Alberto, que havia tido, desde o nascimento até aos onze anos, o pé esquerdo torcido, com o

dorso voltado para o chão, trazia os dedos do pé direito revirados para o calcanhar. 20. O pai, para lhe endireitar o pé, costumava muitas vezes ajustar-lhe talas de madeira; mas sempre que acontecia desatarem-se, voltava de imediato à habitual tortuosidade. 21. Certo dia, a mãe do menino prostrou-se junto do túmulo de Santo António com o filho e fosse como fosse introduziu-lhe o pé junto do local da sepultura, e, começando a suar abundantemente, posto que ali mesmo permanecesse pouco tempo, novamente entregue pelos guardas do sepulcro à mãe, voltou para casa já com as plantas dos pés voltadas para a terra.

22. (V) Certa menina, de nome Inês, destituída de todas as forças padecia tanto, havia já quase três anos, duma doença a que chamam «anátropa» e que se mirrava como lenha seca. 23. Tão depressa tomava o alimento como o vomitava totalmente cru e indigesto. A doença ia já tão adiantada que, em virtude da extrema magreza, bloqueada a garganta, mal podia deglutir a saliva ou qualquer outra coisa mole. 24. Sempre que os médicos iam a sua casa com o fim de acabar com os vômitos contínuos e renovar a natural boa disposição, com o auxílio da medicina, não podendo fazer absolutamente nada, afastavam-se desiludidos da cura. 25. Transportada um dia, pois, e colocada sobre a urna de Santo António em oração, atormentada de imediato por uma dor agudíssima por todo o corpo, pareceu estar à beira da morte. 26. Tendo a dor que a invadira abrandado por pouco tempo, chamando a mãe que estava perto, dizia-lhe que estava capaz de comer um pão inteiro. Por fim, havendo a mãe tomado a filha consigo, voltou para casa, e, de contínuo, retido o alimento, o corpo mirrado recuperou o primitivo vigor.

27. (VI) Na cidade de Veneza, uma mulher, de nome Cesária, havendo uma mão mais curta, também andava há dois anos com o pé esquerdo obliquamente contorcido. 28. Tendo chegado ao Bispado de Pádua, no tempo da colheita do trigo, com o fim de apanhar as espigas que escapassem das mãos dos ceifeiros, como era costume dos pobres, depois de ouvir falar das maravilhas que pelos merecimentos de Santo António se faziam, com muito sacri-

fício, atingiu Pádua, com o fim de recuperar o dom da saúde. 29. E, como por causa da multidão dos enfermos, não podia aproximar-se da urna, introduzindo o pé, por entre as pranchas que a circundavam, tentava atingir o local da sepultura. 30. Pelo que, alongada a perna, tendo apresentado o pé, sobreveio-lhe de imediato tão grande dor que, revolidos os intestinos desde o mais profundo como que ameaçando saírem, suava com veemência, em virtude da aflição. 31. Mas os que ali estavam presentes, com verem a aflição da mulher, — por causa da fraqueza já quase não era capaz de falar — retiraram-na para junto da parede da igreja, a fim de sossegar. 32. Aqui, depois de ter permanecido algum tempo, e o suor ter batido em retirada, ergueu-se imediatamente e, recuperada a saúde da mão e do pé, depois de dar graças a Deus, foi-se em boa hora.

33. (VII) Prosdoxima de Noventa, viúva de Mainério, tolhida da mão esquerda e de ambos os pés, foi transportada ao túmulo de Santo António, numa espécie de dorna. 34. Colocada sobre a urna, logo, pelos merecimentos de Santo António, os pés se distenderam e recuperaram a função primitiva. E a sua mão, um pouco trémula, abriu-se e, por fim, de tal modo se distendeu que, à vista de todos abria e fechava. 35. Descida da urna, deu imediatamente um salto e, recuperada a saúde desejada, foi-se embora radiante.

36. (VIII). Um habitante de Pádua, de nome Pedro, tinha uma filha, de nome Paduana. Com quatro anos de idade, destituída totalmente do uso dos pés, caminhava com as mãos, serpeando à maneira dos répteis. Dizia-se que, por padecer de epilepsia, costumava cair muitas vezes ao chão e revolutear-se. 37. Um dia, ainda vivia S. António, vindo o pai ao encontro do Santo, atravessa a cidade, carregado com ela nos braços, começou de lhe rogar que assinalasse a filha com o sinal da cruz. 38. Havendo o Santo em consideração a sua fé, abençoou-a e despediu-o. O pai da menina, ao regressar a casa, pôs a filha de pé. Esta, logo, apoiada num banquinho, começou logo a andar de cá para lá e de lá para cá. 39. Por último, retirado o banquinho, entregou-lhe um pequeno

pau. Ela, enquanto ia melhorando, com andar e desandar em sua casa, fez progressos. 40. Deste modo, finalmente, pelos merecimentos de Santo António, recuperou tão perfeitamente a saúde, que não carecia de apoio algum; e desde o momento em que foi assinada com o sinal da cruz, já não teve o mais pequeno ataque epiléptico.

41. (IX) Certa ocasião, uma mulher, de nome Maria, que acompanhava de perto as éguas do pai, encontrava-se sozinha à sombra de uma noqueira, junto ao rio que se chama Brenta: nisto, saindo do rio um homem negro, dirigiu-se a ela, pela via mais rápida, e agarrando-a pelos braços, transportou-a para junto doutra noqueira, que ali estava perto. 42. Querendo violentá-la, como a mantivesse totalmente paralisada, arremessando-a ao chão, deixou-a tão maltratada, que houve de voltar a casa pela mão do pai, com uma bossa no peito, um joelho contundido e o osso da bacia deslocado. 43. Durante mais de cinco anos teve de sofrer esta monstruosa contusão. 44. Porém, uma noite, já depois da morte de Santo António, tendo erguido o joelho e o pé, levantou-se sem algum apoio; em todo o caso, a bossa no peito e o osso deslocado da anca ainda permaneceram. 45. Certo dia, levada ao túmulo do Santo Taumaturgo, de lá voltou com a saúde completamente recuperada. Parecia-lhe, enquanto se sentia curar, que a mão de um homem se introduzia suavemente entre a carne e os ossos, e os membros, antes afectados por impiedosa dor, eram mui suavemente friccionados a modo de quem os ungia.

46. (X) Nassinguerra de Sacile, que, havia dois anos, tinha a perna direita tolhida, andava com o pé suspenso no ar. 47. Certo dia, com a ajuda de muletas, tendo alcançado a urna de Santo António, começou de suar abundantemente; mas não podendo suportar de modo algum a aflição da dor que o tinha acometido, afastou-se um pouco da urna. 48. Tendo ocorrido os que ali estavam presentes levantaram o que se esforçava por erguer; e, de seguida, à vista de todos, distenderam-se os tendões do pé. 49. Por fim, ele mesmo, pondo de lado as muletas, voltou ligeiro para casa. Havendo toda a vizinhança ocorrido ao seu encontro, enquanto os

olhos se marejavam de lágrimas e os sinos tocavam, deu graças a Deus e a Santo António.

50. (XI) Uma mulher de Saonara, de nome Maria, tendo perdido totalmente o uso dos membros do lado direito da cintura para baixo, de tolhida, a não ser apoiada em muletas, mal podia arrastar as pernas: certo dia, foi levada de carro ao túmulo de Santo António. 51. E tendo esta permanecido em oração sobre o túmulo, desde o momento em que entrara até quase à hora sexta, os guardas já enfadados gritavam que se levantasse. À sua voz, a mulher, sem qualquer arrimo, ergueu-se e, arrumadas as muletas, perfeitamente à vontade voltou a casa.

52. (XII) Um homem de Porciglia, de nome Escoto, de pés pútridos e inchados, devido a uma complicada inflamação da gota, transportado às costas de um varão, chegou à residência dos frades. 53. Feita a sua confissão, depois de ter recebido a penitência que um frade lhe impôs, fez-se transportar até à urna de Santo António, suplicante. E tendo permanecido ali mesmo quedo, por algum tempo, dirigiu-se, já curado imediatamente, a um frade, com tanta ligeireza, que o referido frade, muito admirado, fazia passear pelo claustro, o que havia sido curado. 54. Por fim, à vista de todos, aquele que havia sido transportado às cavaleiras, regressava pelo próprio pé, dando graças a Deus e a Santo António.

55. (XIII) Em Codigoro, havia uma rapariga, de nome Samaritana. Um dia, tendo entrado num campo do pai com outras raparigas, para colher legumes, de repente, tolhidos os joelhos, já nem sequer pôde regressar, mas transportada pelas demais, voltou à casa paterna. Tendo-se a doença agravado, durante três anos, começou a andar rastejando com as mãos, à maneira dos répteis e, espectáculo digno de dó, arrastava as nádegas pelo chão. 56. Certo dia, tendo feito a sua confissão, veio a rapariga orar com a sua mãe ao túmulo de Santo António; e, num brevíssimo espaço de tempo, restituída à primitiva saúde, dirigiu-se à pressa para casa pelos seus próprios pés. 57. Quando o facto chegou aos ouvidos do povo de

Codigoro, enquanto os sinos tocavam, foram de imediato ao encontro da rapariga e nela veneraram a magnificência de Deus.

58. (XIV). No castro de Montagnana, havia uma mulher de nome Guina, que, paralisada do ombro e da mão direita, havia dois anos, não podia suportar nada sobre a espádua e nem levar a mão à boca. 59. Certo dia, havendo entrado, primeira e segunda vez, no túmulo de Santo António, não tendo experimentado absolutamente nenhum alívio do ombro e do braço, foi ter com o frade que se aprestava a ouvi-la de confissão. 60. Feita a sua confissão, aproximou-se da urna pela terceira vez e prostrou-se em oração. Quando ela orava, começou o ombro imediatamente a ser pressionado por uma grande dor e o osso da espádua a estalar, como um quebrar de nozes, e saltou para o seu primitivo lugar. 61. Logo que a mulher se ergueu, sacudiu imediatamente o braço e, à vista de todos, voltou desembaraçada para casa.

62. (XV) Uma certa Margarida, da cidade de Pádua, uma noite, em que fora dormir, pareceu-lhe ter caído lá do tecto até ao chão. Tendo acordado, encontrou-se a mulher com o pescoço retorcido e a mão esquerda e o pé tão recurvados que, enquanto os tendões se mantinham tensos e o calcanhar suspenso, dificilmente tocava o chão, com as articulações dos dedos. 63. Um dia, porém, tendo subido ao túmulo de Santo António e sobre ele repousado por um pouco de tempo, erguido o pescoço de imediato, voltou a cabeça ao seu estado primitivo e, havendo o pé e a mão recuperado a saúde, desceu a mulher desembaraçada.

64. (XVI). Certo Jacobino, filho de Alberto, aleijado de uma mão e de um pé, quando orava sobre a urna, depois de permanecer ali um breve espaço de tempo, suando abundantemente, estendeu a mão e o pé, à vista dos guardas do sepulcro, e retirou-se curado e louvando a Deus.

65. (XVII) Na cidade de Pádua, havia um menino de nome João, cujo queixo, havia quatro anos, aderira de tal modo ao peito, que jamais podia levantar a cabeça e, com esta inflectida, cami-

nhava inclinado para a frente. 66. Um dia, levado pela sua mãe ao túmulo de Santo António, ali mesmo o menino, depois de erguer por si próprio a cabeça, regressou são na companhia da mãe. Via-se, é certo, uma cova no peito, naquele mesmo lugar, em que o queixo se encontrava apoiado.

67. (XVIII). Um certo Frederico do Condado da Concórdia, tendo caído abaixo da igreja de Pulcigno e partido as costas, não podia de modo algum andar sem o apoio de muletas. 68. Feita, portanto, a promessa, cheio de devoção, veio até ao túmulo de Santo António, e recuperada a saúde imediatamente, postas de lado as muletas, voltou à sua terra.

69. (XIX). Certa mulher, de nome Gertrudes, teve durante quatro anos o pé direito tão entevado que não podia dar um passo sem muletas. 70. Uma noite, mergulhada em um sono profundo, quando dormia debaixo de uma nogueira, apresentou-se-lhe um homem de cabelos brancos, de pequena estatura e belo de aspecto⁷¹, vestido de verde e revestido de um manto escarlate, que lhe disse: É aqui que tens de dormir, minha menina? E novamente diz: Estende o teu pé! 71. Quando ela estendeu o pé, ao tomar-lhe a mão, deu um esticão aos tendões para a frente e desapareceu imediatamente. 72. Mas ela despertando, disse, gritando: Santo António, eu te agradeço, porque me libertaste! E agarrando nas muletas, curada, regressou a casa. E narrou esta visão, que muitos ouviram, para glória de Deus.

CAPÍTULO XXIX

Os paralíticos

1. (XX) No condado de Ferrara, havia uma mulher, de nome Maria, que sofrendo de paralisia total do seu corpo, iria já em quatro anos, toda ela tremia da cabeça aos pés. E, quando, por

⁷¹ Gen 39, 6.

qualquer necessidade, queria deslocar-se a algum sítio, via-se muitas vezes obrigada a arquear as plantas dos pés, com um passo atrás ou em diagonal. 2. Um dia, fazendo oração defronte do túmulo de Santo António, inesperadamente começaram a distender-se os seus tendões esmagados pela dor. E a mulher, tendo-se erguido, manteve-se de pé e, perfeitamente recuperada a saúde, regressou a casa.

3. (XXI) Certa Ermerina de Vicenza, paralítica há cinco anos, apesar de todas as tentativas, nunca pôde pousar o pé no chão; mas, uma ocasião, tendo-se erguido, agitava-se toda trémula em movimentos de diante para trás e de trás para diante. 4. Vindo ao sepulcro de Santo António, profundamente reclinada, entregou-se à oração e de imediato mereceu reaver a primitiva saúde.

5. (XXII) Mainardo de Ronchi, havia vinte e cinco anos que tinha sido acometido de uma tal paralisia, que não podia fazer uso algum dos pés ou de abrir a boca para comer; foi transportado num carro carregado de feno até ao Prato della Valle. 6. Tendo o carro que o transportava ali chegado, levado às costas de um varão, foi até ao sepulcro de Santo António para orar. 7. Terminada a oração, ergueu-se e, louvando em alta voz a Deus e a Santo António, regressou a casa pelos seus próprios pés.

8. (XXIII) Uma mulher, de nome Bília, que durante três anos, toda ela era tremuras, veio, aflita, um dia, com passos vacilantes junto do túmulo de Santo António. E, quando se encontrava defronte do sepulcro em oração, com o crescer do tremor, foi acometida de um calor desmesurado. 9. Homens e mulheres, compartilhando do seu sofrimento, choravam. Mas, transportada para fora da porta da igreja, havendo respirado um pouco e o calor desaparecido, restabelecida, a mulher afastou-se do lugar santo.

10. (XXIV) No castro de Montagnana, havia uma mulher, de nome Solanga, que debilitada por uma paralisia, havia um ano e um mês, prometeu vir ao túmulo de Santo António, para alcançar a saúde. 11. Uma noite, prostrada no leito, depois de ter adormecido,

ao ouvir um estrondo, acordou estremunhada, como se os pés do leito batessem com força; e, chamando por pessoa sua conhecida, que por ali se encontrava perto, perguntou-lhe se tinha ouvido algum ruído. 12. Tendo essa pessoa respondido que não tinha havido barulho algum, toda trémula, a mulher esteve acordada toda a noite. 13. E, tendo-se mantido algum tempo quieta, voltando o leito a fazer barulho, ainda de mais temor se encheu e, ao mesmo tempo que fazia o sinal da cruz na frente, perguntou: Quem é que está a agarrar o leito?. 14. E ouviu então uma voz que lhe dizia: "Benze-te com fé! "E ela perguntou: Quem és tu, Senhor?"; — "Eu sou António". E diz a mulher, exclamando: "Liberta-me, Santo António". E este respondeu-lhe: " Já foste salva". 15. E, ao amanhecer, cheia de coragem, a mulher ergueu-se, e a partir daquele momento nunca mais sentiu pesadelo algum.

CAPÍTULO XXX

Os cegos

1. (XXV) Uma menina, de nome Auriema, privada da vista, havia ano e meio, foi levada até à urna de Santo António, por motivo de saúde. 2. Tendo esta limpado os olhos a uma toalha, que cobria a urna, abertas as pálpebras, imediatamente mereceu ver a luz do céu.

3. (XXVI) Um frade da Ordem dos Frades Menores, de nome Teodorico, privado do olho esquerdo, havia dois anos, cheio de devoção, deslocou-se dos confins da Apúlia à urna de Santo António. 4. E, havendo permanecido algum tempo com os frades de Pádua, depois de rogar instantemente a graça da saúde e alcançar, finalmente, a luz desejada, dando graças a Deus, retirou-se.

5. (XXVII) Na cidade de Treviso, havia um homem, de nome Zambrono, que havia mais de seis anos, não via nada do olho esquerdo 6. Vindo pois um dia ao sepulcro de Santo António e nele

permanecendo um pouco de tempo, recuperada imediatamente a vista, voltou radiante para casa.

7. (XXVIII) Um certo Leonardo de Conegliano, pelo espaço de três anos, privado totalmente da visão de um dos olhos e havendo cegado do outro tanto que só pela voz distinguia os conhecidos dos desconhecidos, veio devotamente ao sepulcro de Santo António. Havendo permanecido por algum tempo à frente da urna, feita a oração, presenteado com a visão de ambos os olhos, regressou a casa.

8. (XXIX) Uma mulher, de nome Aleixa, cega dos dois olhos, havia cinco anos, não podia ver de modo algum a luz. Vindo junto da urna do Santo, imediatamente recuperou a visão perdida.

9. (XXX) Flor de Gemma de Loreto que, havia já sete anos que se encontrava inteiramente privada da visão do olho esquerdo, levada ao sepulcro de Santo António, regressou a casa perfeitamente curada.

10. (XXXI) Uma mulher alemã, de nome Carolina, privada de ambas as vistas, foi levada ao sepulcro do Santo, onde, havendo permanecido em oração, por um pequeno intervalo de tempo, recuperada divinamente a vista, radiante de alegria e louvando a Deus, regressou a casa.

CAPÍTULO XXXI

Os surdos

1. (XXXII) Na cidade de Veneza, havia um homem, de nome Leonardo, que, obturados os ouvidos, não ouvindo nada, deu em surdo. 2. Certo dia, tendo-se abeirado do túmulo de Santo António, para orar, recuperou imediatamente a audição desejada.

3. (XXXIII) Um outro, de nome Menico, que havia permanecido durante dois anos totalmente surdo, vindo à sua urna e havendo recuperado imediatamente a saúde, retirou-se.

4. (XXXIV) Um certo Rolando, cognominado o Búlgaro, depois de permanecer surdo por um espaço de vinte anos, enquanto se ia agravando uma doença da cabeça, depois de muito orar defronte do túmulo do Santo, havendo, pelos merecimentos do mesmo, recuperado a primitiva saúde, regressou a casa.

CAPÍTULO XXXII

Os mudos

1. (XXXV) Um certo Bartolomeu de Piove di Sacco, tendo sido mudo por todo o tempo da sua vida e durante catorze anos molestado por uma paralisia total, revolvía-se permanentemente no leito da sua dor⁷²; por fim, levado até junto ao sepulcro de Santo António, solta a língua, louvava o Senhor e, aquele que ali viera, transportado às costas, regressava a casa por seu pé.

2. (XXXVI) Uma mulher, de nome Miguelota, tendo vivido, durante onze anos, muda e sem falar absolutamente nada; demais, destituída das forças de todo o corpo, definhava. 3. Tendo ela ouvido falar das maravilhas que o santo de Deus António operava, fez-se transportar ao seu túmulo. Aqui, demorando-se, um pouco de tempo orando do fundo do coração, regressou a sua casa com fala e curada.

4. (XXXVII) Certo homem de Friuli, lamentando-se de estar privado do exercício da língua, chegou um dia, pela mão da mãe, junto à urna de Santo António. Depois de se ter mantido em oração, devotamente, diante do túmulo, recuperou a fala perdida, havia já muito tempo.

⁷² SI 41, 4.

CAPÍTULO XXXIII

Os epiléticos

1. (XXXVIII) Na cidade de Pádua, havia uma mulher, de nome Miguelota, que, depois de sofrer de uma doença durante oito dias e achacada por último, de epilepsia, perdeu totalmente a visão e pareceu estar à beira da morte. 2. Havendo a mãe feito tudo por levá-la ao túmulo de Santo António e a ter colocado sobre a urna com o fim de orar, tendo aberto os olhos, imediatamente, recuperou a luz. E desde então, nunca mais sofreu da peste da epilepsia.

3. (XXXIX) Um menino, de nome Simeão, torturado, desde os três anos de idade, pelos ataques de epilepsia, esmagava muitas vezes a face contra o chão. E, infelizmente, quando saltitava, ao sofrer da queda, por mais esforços que fizesse, jamais pôde deslocar-se para outro lugar. 4. Feita, pois, uma promessa, a mãe, solícita, levou o menino ao túmulo de Santo António; quando terminou a oração, ao voltar a casa, nunca mais sofreu qualquer sinal da referida enfermidade.

CAPÍTULO XXXIV

Os corcundas

1. (XL) Um jovem, de nome Tridentino, havendo-se tornado corcunda, no decurso de cinco anos, em virtude de um osso que lhe apareceu sobresselente na espinha dorsal, apoiado numa muleta, trazia as mãos repuxadas até aos joelhos. 2. Certo dia, tendo-o a mãe, cheia de devoção, trazido ao túmulo de Santo António, colocado sobre o sepulcro, de imediato, havendo desaparecido a bossa, desceu e, posta de lado a muleta, chegou a casa direito na companhia da mãe.

3. (XLI) Na cidade de Treviso, havia uma mulher, de nome Veneziana, que havia mais de dois anos trazia um inchaço no peito

do tamanho e feitio de um pão. Quando esta ia a algum local, por necessidade, reclinava a cabeça, que pendia até aos joelhos. 4. Vindo pois junto do túmulo de Santo António, ali permaneceu durante dois dias em oração e, rebaixada a bossa e erguida a cabeça, regressou a casa.

5. (XLII) Um homem, de nome Veridoto, tendo experimentado, uma ocasião, uma grande doença, depois de quebrar a espinha dorsal, contraiu uma bossa. E, como não podia andar senão apoiado em muletas, a cabeça quase se vergava até ao chão. 6. A mãe, para recuperar a saúde, ordenou que fosse transportado ao sepulcro de Santo António e de imediato começou o seu corpo a ser pressionado por tão fortes dores, que, em virtude do sofrimento, suava abundantemente. E, quando a dor desapareceu, o homenzinho endireitou a coluna e imediatamente, pelos merecimentos do Santo, a bossa desapareceu.

CAPÍTULO XXXV

Os curados de febres

1. (XLIII). Um tal Bonizo de Roncaglia, tendo-se-lhe inflamado a garganta, depois de suportar, pelo espaço de oito dias, uma dor muito forte, começou a ser atacado de febres inquietantes, ao mesmo tempo que a angústia o cruciava sem piedade. 2. Um dia, passando dois frades no local em que se encontrava doente, foram visitá-lo a casa. E, depois de o confortarem com muitas palavras e persuadirem-no a confessar-se, um deles ofereceu-lhe um pedacito do manto, que o bem-aventurado António costumava usar e aplicou-o ao doente, para que recuperasse a saúde. 3. Estando presentes ainda os frades, este ali mesmo cobrou forças e, tomando o pulso, verificou que a febre tinha passado. E logo que os frades se afastaram, o corpo doente de imediato se ergueu e, feito o sinal da cruz com o pedacito do manto, o tumor gotoso desapareceu.

4. (XLIV) Um menino, de nome Zono, havendo caído doente com febres quartãs e sendo atormentado de gota até à medula, foi levado ao túmulo de Santo António. Colocado sobre a urna, depois de ali permanecer um breve espaço de tempo, desceu curado da gota e simultaneamente liberto das febres.

CAPÍTULO XXXVI

Os mortos ressuscitados

1. (XLV) Havia no condado de Pádua uma menina, de nome Eurília, que, havendo seguido, como era seu hábito, a mãe que se dirigia à casa de uma amiga para lhe pedir lume, foi, por esta, quando voltava a casa, encontrada morta, a boiar, de rosto voltado para cima, num poço cheio de água e lodo. 2. Acorrendo a mãe inconsolável, retirou do poço a filha submersa e, enquanto acorria muita gente para ver o triste espectáculo, colocou-a na beira do poço já sufocada. 3. Tendo um homem dentre os que ali se encontram ao redor verificado que estava enregelada de um frio mortal, voltada a cabeça para baixo, ergueu-lhe os pés ao alto sobre um disco. Mas nem assim recuperava a respiração nem a sensibilidade; porque, comprimidas as queixadas, como se faz aos defuntos, e juntos os lábios, se desvanecera toda a esperança de salvação. 4. Por fim, a mãe, solícita, depois de fazer uma promessa ao Senhor e ao seu servo Santo António, prometeu que havia de trazer ao túmulo uma imagem de cera da mesma, se se dignasse restituir-lhe a filha viva. 5. Feita a promessa, logo, à vista de todos, moveu os lábios e, introduzindo-lhe alguém os dedos na boca, vomitou a água que havia ingerido e, pelos merecimentos do Santo, acalentada pelo calor vital, reviveu.

6. (XLVI) Algo de semelhante aconteceu na cidade de Camacchio. Havia ali um homem, de nome Domingos, a quem, um dia, saindo de casa, para fazer um trabalho, se lhe associou de imediato, um filho pequeno, por companheiro. 7. E quando já se tinha afastado um pouco de sua casa, olhando para trás, viu que

não estava ali ninguém. Estupefacto, ele, de olhos atónitos, procurando em todo o redor, deu uma volta e deu com o filho afogado num poço. 8. Retirado para fora do poço, entregou-o o pai inditoso, já morto, à mãe; feita, porém, imediatamente uma promessa, recuperou-o vivo pelos merecimentos do mui bem-aventurado António.

CAPÍTULO XXXVII

Uma taça de vidro conservada intacta

1. (XLVII). Um cavaleiro de Salvaterra, de nome Aleardino, iludido desde tenra idade pela heresia, no dia seguinte à morte do Santo, havendo chegado a Pádua com a sua mulher e sua numerosa família, sentado à mesa, conversava com os demais convivas sobre os milagres apresentados à devoção dos fiéis pelos merecimentos de Santo António. 2. E, tendo os outros afirmado que o bem-aventurado António tinha de ser um verdadeiro santo de Deus, esvasiada uma taça de vidro, que tinha nas mãos, saiu-se com pouco mais ou menos estas palavras: “Se aquele que vós dizeis ser santo mantiver ileso esta taça, acreditarei que serão verdadeiras aquelas coisas de que me procurais persuadir”. 3. E arremessando desde a poltrona, onde se tinha sentado para almoçar — coisa admirável! — a taça de vidro, não obstante colidir, resistiu à pedra e, à vista de muita gente, que ali estava próximo, na praça pública, permaneceu intacta.

4. Presenciado o milagre, levado da penitência, sem se deter, dirige-se o cavaleiro à taça de vidro e trazendo-a consigo ileso, narrou aos frades tudo quanto acontecera, tal qual se passara. 5. Feita, pois, a confissão, aceitou com devoção a penitência, que lhe foi imposta pelos pecados, e aderindo a Cristo com fidelidade, pregou continuamente as Suas maravilhas.

CAPÍTULO XXXVIII

Uma mulher golpeada e sarada pelo Senhor

1. (XLVIII) Uma irmã da Ordem das Senhoras Pobres, de nome Oliva, quando ainda o corpo do Santo se encontrava insepulto, aproximou-se dele, beijando-lhe humilde e devotamente as mãos. 2. E prostrando-se diante do corpo sacratíssimo, tendo ardentemente orado a Deus, pediu-lhe, além do mais, que pelos merecimentos de Santo António, o Senhor lhe infligisse, na presente vida, toda a pena que houvesse merecido, por causa dos pecados, e nada de nada guardasse do que houvesse de sofrer para depois.

3. Terminada a oração, entrou no mosteiro. Imediatamente todo o seu corpo foi possuído de uma dor tão forte, que ela mesma não se pôde conter, sem perturbar as demais, mercê da pressão forte da dor. 4. No dia seguinte, quando as demais entravam para o refeitório, ela também entrou discretamente com elas. Mas agravando-se insensivelmente a enfermidade, não chegou sequer a provar o alimento e, enquanto as demais almoçavam, contorcia-se ela por todos os lados.

5. Por ordem da abadessa foi levada para a enfermaria e aquela que tinha pedido que lhe fosse infligida a pena, na vida presente, com todas as veras, suplicava agora, por todos os santos que havia, o remédio. 6. Por fim, lembrando-se a irmã que na sua cela tinha escondido um pedacito da túnica de Santo António, trazida imediatamente, aplicou-a a si e logo toda a dor desapareceu.

CAPÍTULO XXXIX

Uma mulher que se lançou ao rio e não se molhou

1. (XLIX) Uma mulher, de Montessilice, profundamente religiosa desde a sua infância, casou, segundo a lei do matrimónio,

com um homem, que andava segundo os desejos da carne⁷³.
2. Este, santificado por uma mulher fiel, segundo o que está escrito⁷⁴, foi um dia ter com um sacerdote, a pedido da esposa e, feita a confissão dos pecados, ao voltar a casa, prometeu ir em peregrinação a Santiago de Compostela e levar consigo a própria mulher.
3. Tendo-se a mulher regozijado imenso com a nova apressou a sua viagem tanto quanto possível e com o fim de preparar as coisas necessárias para a peregrinação, convenceu o marido a ir a Pádua.

4. Tendo-se posto a caminho, depois de se lhes juntarem os companheiros, quando já prosseguiam viagem pela via que leva a Pádua, não podendo a mulher ocultar a alegria que lhe ia na alma, perdida de riso e regozijo do homem exterior, manifestava o seu contentamento de coração com um entusiasmo insólito. 5. Tendo o marido e companheiro de viagem estranhado o facto, agastado com tanto alarido, disse à mulher: Para que te desfazes em alegria e tanto palavreado, e, iludida pela vã esperança de ir viajar, te perdes em risos e gestos inoportunos? Fica a saber então que eu desisti do teu propósito e já não tenciono ir para onde vais tão apressada".

6. Ao ouvir estas palavras, a mulher empalideceu de repente e, transfigurado o rosto, apresentava ânimo triste. Por fim, como o marido persistisse em objurgá-la com palavras de tal natureza, depois de longo silêncio, respondeu a quem a objurgava: Se não cumprires a tua promessa da peregrinação, em nome de Jesus Cristo e de Santo António, ter-me-ás de ver afogada no rio. 7. Mas ele não acreditou nas suas palavras: aliás, depois de endurecer o rosto, declarando-a estulta, afirmava com persistência que não lhe pagaria a promessa. 8. Perdida toda a esperança e frustrada toda a confiança, agarrou em si e, depois de invocar o nome de Santo António, atirou-se ao rio que corria ao longo da via.

9. E as mulheres, que ali se encontravam, quando a viram revolver-se no meio da corrente, quase sem fôlego, em virtude do susto, acorrem imediatamente e, esquecidas do pudor feminino, de rabadilha e vestidos molhados, retiram-na desembaraçada das águas. 10. Uma vez retirada, colocando-a na margem do rio —

⁷³ Gal 5, 17.

⁷⁴ 1Cor 7, 14.

coisa verdadeiramente admirável o que narro! — quando as demais torciam as suas vestes e espremiam grande quantidade de água, foi a mulher encontrada sem que um fio sequer das suas roupas interiores estivesse molhado.

11. E, embora o Senhor — a Escritura o atesta — proteja os que andam na simplicidade ⁷⁵, não propomos que uma cena desta natureza se deva imitar. Pois o que aconteceu o atribuímos mais à loucura do que à virtude. Mas não seria de estranhar que acreditássemos o tenham obtido de Deus os méritos de Santo, com ser invocado, pois não duvidamos de que ele foi sempre um zelador da simplicidade.

CAPÍTULO XL

Os naufragos

1. (L) Um dia, por acaso, cerca de vinte e seis homens e mulheres, subiram para um barco, em Santo Hilário, com destino a Veneza. Puxado a remos para a laguna, que não dista longe da igreja de S. Jorge de Álega, chegada a hora de Completas, levantando-se uma grande tempestade, depois de tentarem abrigar-se no referido local, com o recrudescimento do tufão, foram atirados para locais totalmente desconhecidos.

2. Por fim, vendo-se em dificuldades e, para cúmulo, sobre vindo o vento e a chuva em catadupa, desesperando seriamente da salvação, ansiavam por que a morte viesse depressa e a dor lhes pusesse fim à vida. Todos choravam e com os seus gritos lancinantes mais aumentavam as ruidosas procelas. 3. Feita portanto a confissão dos pecados e recebida a absolvição de um sacerdote que estava presente, implorando os favores de Santo António, começaram a obrigar-se com promessas. 4. Se uns prometiam dar-lhe um barco de cera, outros decidiam-se a rodear a toda a volta o sepulcro do Santo, com velas acesas.

⁷⁵ Prov 2, 8.

5. Mas logo que a promessa foi feita, a procela amainou em redor. A seguir, tendo sobrevindo o denso nevoeiro, ninguém sabia onde estava ou para onde se dirigia. 6. E eis que do barco, onde se encontravam, saiu uma luz que foi à frente dos navegantes, que choravam de alegria, e, apontando a direcção, os levou sãos e salvos à povoação de S. Marcos Pequeno, que dista de Veneza cerca de uma milha. 7. Pelo que, ao chegarem, arrebatados das garras da morte, pelos merecimentos de Santo António, imediatamente a luz, o guia da viagem, desapareceu e, postos a salvo, desapareceu além dos raios. 8. Diziam porém que, enquanto sulcavam o mar calmo com a luz por guia, ao tentarem deter o barco que corria a toda a velocidade, nunca o puderam dominar, até que, por indicação da luz que os antecedia, o fizeram arribar ao porto desejado.

CAPÍTULO XLI

O incrível golpeado e sarado

1. (LI) Um clérigo de Anguillara, de nome Guidoto, encontrando-se um dia no paço do Senhor Bispo de Pádua, tendo escarnecido, às escondidas, das testemunhas, que depunham sobre os milagres de Santo António, na noite seguinte, começou a ser atormentado por dor tão forte que se persuadira de que sobre ele impendia indubitavelmente o juízo da morte.

2. Julgando-se indigno do direito à misericórdia, começou de pedir à mãe que, na sua fé, fizesse uma promessa ao santo de Deus, para que merecesse alcançar misericórdia. 3. Feita esta, havendo de imediato cessado a dor, convalesceu já antes do despontar do dia; e aquele que tinha zombado das testemunhas com uma risada de incredulidade, viu-se obrigado a testemunhar a verdade.

CAPÍTULO XLII

O painço preservado dos pássaros

1. (LII). Uma mulher de Tremignon, de nome Vita, que era ardorosa devota de Santo António, anelava vir, com sumo desejo, ao seu túmulo. 2. Mas, como se aproximava o tempo da colheita e a multidão dos pássaros devastava o painço, que já aloirava, pon-do-se de guarda ao painço, com o fim de afugentar aquela importuna passarada, nunca lhe foi dada ocasião de vir.

3. Aproximando-se, certo dia, da cercadura, que vedava o painço, prometeu que se Santo António o guardasse dos pássaros, nove vezes visitaria o seu sepulcro. 4. Feita a promessa, de imediato o grande número das referidas aves, num só exército, abandonou o local e nem um pássaro, que se pudesse ver, permaneceu sobre os salgueiros que rodeavam o painço.

CAPÍTULO XLIII

Promessa sub-reptícia

1. (LIII) Um menino da cidade de Pádua, de nome Henrique, havendo-se-lhe inflamado o pescoço e tendo experimentado um grande sofrimento, pelo espaço de quinze dias, quando a mãe prometeu que levaria ao túmulo de Santo António um pescoço com cabeça de cera, ao regressar da residência dos frades, recuperou a cura do pescoço. 2. Mas, como a mãe do menino dissimulas-se e não pagasse a promessa, o pescoço começou de novo a inflamar-se.

3. Ela, porém, consciente da sua culpa, houve de sofrer justamente e, renovada a promessa, fez chegar ao sepulcro do Santo uma cabeça de cera com pescoço. 4. Logo que foi cumprida, o inchado pescoço desinchou subitamente e, decorridos poucos dias, o menino recuperou a saúde perfeita, por concessão de nosso Senhor Jesus Cristo, a quem pertence a honra e a glória pelos imortais séculos dos séculos. Amém.

CAPÍTULO XLIV

Conclusão do livro dos milagres

1. — Certamente, muitos outros milagres, que não foram escritos neste livro ⁷⁶, houve o Senhor da majestade por bem fossem realizados pelo seu servo António. 2. Contudo, seleccionando estes poucos dentre os muitos, também dos mais conhecidos, transcrevemos os mais certos para que não só dêmos ocasião aos que desejam acrescentar louvores mas, também, recusando o incerto, enquanto pretendemos louvar, poupemos à língua o vício de mentir. 3. Pois se quisesse escrever os milagres um por um, os que realmente são grandes e as suas maravilhas, que são portentosas ⁷⁷, receio que a grande quantidade suscitasse fastio ao leitor e a extraordinária grandeza das acções, o escandalozinho da incredulidade àqueles espíritos que sofrem de enfermidade.

ORAÇÃO FINAL AO SANTO

4. — Eis, benigníssimo pai, que narrei a tua gesta a modos de minuta, ainda que numa linguagem canhestra. Eis que tornei pública a tua verdadeira grandeza, exprimindo-me ainda que imperfeitamente, até onde ia o meu saber.

5. Pai piedoso, eu te rogo, recorda-te de mim e dos demais frades da tua congregação, para que tu, que por felicidade, na mansão da imortalidade, assistes ao trono da Divindade, retires, pelos teus merecimentos, os que suspiram por ti do lago da miséria e do lodo da impureza.

⁷⁶ Jo 20, 30.

⁷⁷ Jo 21, 25.

6. Tem presente, digo, as entranhas da misericórdia, em que abundavas para com os infelizes, enquanto vivias em carne para além da carne. E tu, que junto à fonte da misericórdia te dessedentas na torrente do gozo⁷⁸, derrames o rio da mais copiosa graça sobre os dela sequiosos. Amém.

TERMINA AQUI O LIVRO DA VIDA
E DOS MILAGRES DE SANTO ANTÓNIO, CONFESSOR

⁷⁸ SI 36, 9.